



INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – PROFEPT  
CÂMPUS ANÁPOLIS



**PROFEPT**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

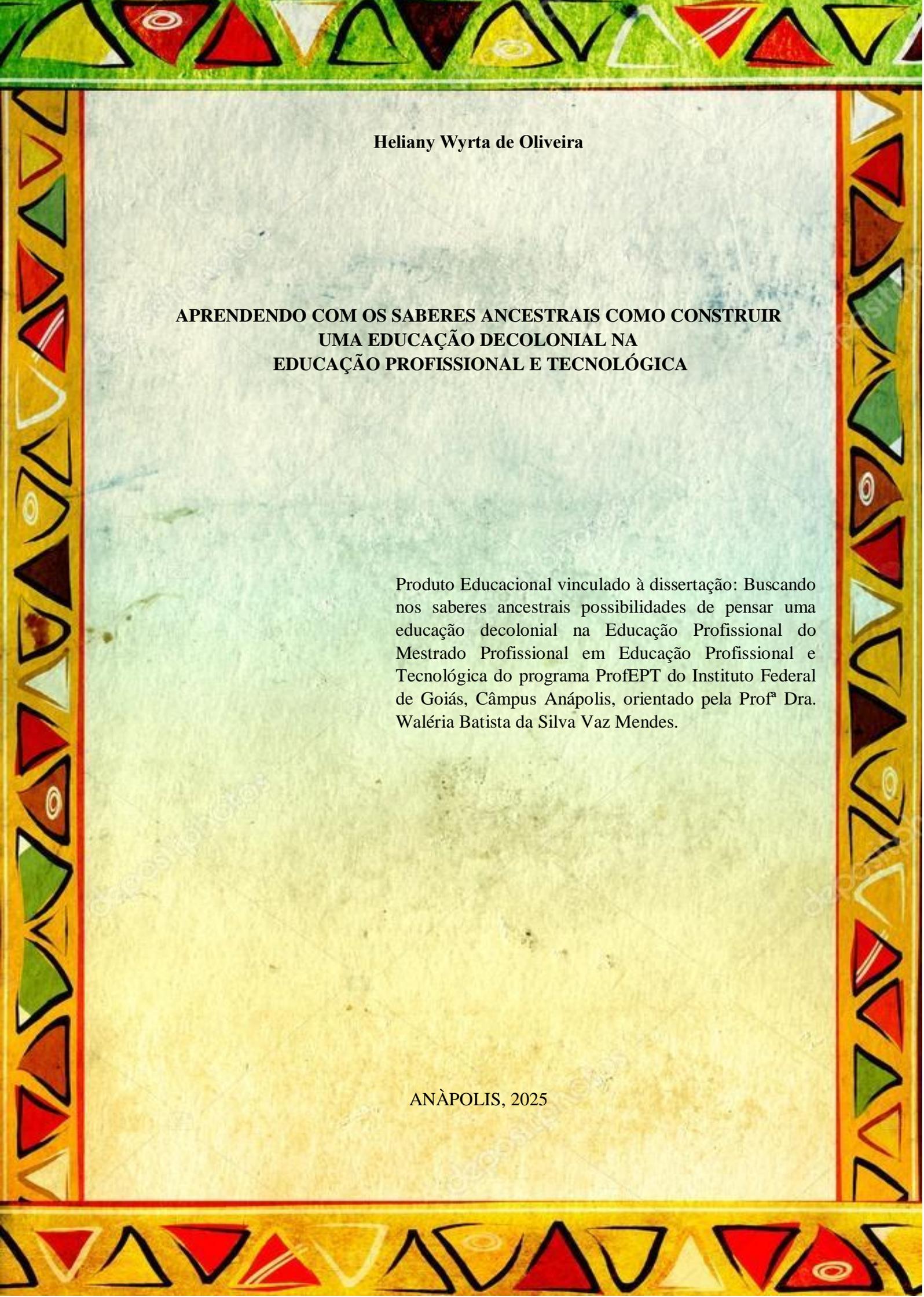


# APRENDENDO COM OS SABERES ANCESTRAIS COMO CONSTRUIR UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

**Heliany Wyrta de Oliveira**

**Waléria Batista da Silva Vaz Mendes**





**Heliany Wyrta de Oliveira**

**APRENDENDO COM OS SABERES ANCESTRAIS COMO CONSTRUIR  
UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL NA  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Produto Educacional vinculado à dissertação: Buscando nos saberes ancestrais possibilidades de pensar uma educação decolonial na Educação Profissional do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do programa ProfePT do Instituto Federal de Goiás, Câmpus Anápolis, orientado pela Profª Dra. Waléria Batista da Silva Vaz Mendes.

ANÁPOLIS, 2025

### Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Ficha

O48a

Oliveira, Heliany Wyrta de.

Aprendendo com saberes ancestrais como construir uma educação decolonial na educação profissional e tecnológica. / Heliany Wyrta de Oliveira; Waléria Batista da Silva Vaz Mendes. – 2025.

79 f. il. color.

Produto Técnico/Tecnológico (Mestrado) – IFG – Câmpus Anápolis, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, 2025.

1. Saberes ancestrais. 2. educação decolonial.  
3. educação profissional e tecnológica. 5. Produto Técnico/Tecnológico – material didático.

I. Mendes, Waléria Batista da Silva Vaz (coautora).

II. Título.

CDD 378.013

catalográfica elaborada pela bibliotecária – Claudineia Pereira de Abreu

CRB1-1956

IFG - Campus Anápolis.



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

#### **Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese   | <input type="checkbox"/> Artigo Científico              |
| <input type="checkbox"/> Dissertação  | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização  | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação  | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: Material Didático |   |

Nome Completo do Autor: Heliany Wyrta de Oliveira

Matrícula: 20231060150027

Título do Trabalho: APRENDENDO COM OS SABERES ANCESTRAIS COMO CONSTRUIR UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

#### **Autorização - Marque uma das opções**

1.  Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2.  Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ (Embargo);
3.  Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- O documento está sujeito a registro de patente.  
 O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.  
 Outra justificativa: \_\_\_\_\_

#### **DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** HELIANY WYRTA DE OLIVEIRA  
Data: 19/05/2025 20:41:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Anápolis, \_20/05/ 2025\_.

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS  
CÂMPUS ANÁPOLIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT/IFG)

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE PRODUTO EDUCACIONAL**  
(Modalidade da Sessão: Webconferência)

No dia 13 (treze) do mês março do ano de 2025, às 09 horas, no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) - Câmpus Anápolis, por meio de webconferência, deu-se a Defesa da Dissertação "**Ousando buscar nos saberes ancestrais possibilidades para pensar uma educação decolonial na educação profissional e tecnológica**" e a validação do Produto Educacional, desenvolvido na modalidade de Curso em formato EAD, intitulado "Aprendendo com os saberes ancestrais como construir uma educação decolonial na Educação Profissional e Tecnológica", de autoria de **Heliany Wyrta de Oliveira**, como requisito para a conclusão do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica.

Sob a presidência da Orientadora e Presidente da Banca, **Prof. Dra. Waléria Batista da Silva Vaz Mendes** - IFG/ProfEPT, a Banca Examinadora teve como Avaliadores Internos o **Prof. Dr. Leonardo Martins da Silva** - IFG/ProfEPT e como Avaliador Externo o **Prof. Dr. Wellington Cardoso de Oliveira** - IFG/Câmpus Aparecida de Goiânia.

Em sessão pública, após a apresentação da pesquisa e dos seus resultados, assim como a Defesa da Dissertação e do Produto Educacional pela mestranda, os integrantes da Banca Examinadora fizeram as suas arguições, considerações e avaliações. Depois de se reunir em sala separada para avaliação e deliberação, a Banca Examinadora retornou à sala de Defesa pública para a proclamação do resultado. Assim, em conformidade com o Regulamento do ProfEPT e o Regulamento Geral dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Federal de Goiás (IFG), a Banca Examinadora manifestou-se pela **APROVAÇÃO** da Dissertação e do Produto Educacional de **Heliany Wyrta de Oliveira**.

Anápolis - GO, 13 de março de 2025.

**Documento assinado eletronicamente por:**

1. Prof. Dra. Waléria Batista da Silva Vaz Mendes - IFG/ProfEPT
2. Prof. Dr. Leonardo Martins da Silva - IFG/ProfEPT
4. Prof. Dr. Wellington Cardoso de Oliveira - IFG/ProfEPT
5. Heliany Wyrta de Oliveira - Discente

**Documento assinado eletronicamente por:**

- Luciana Campos de Oliveira Dias, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 17/03/2025 14:08:29.
- Heliany Wyrta de Oliveira, 20231060150027 - Discente, em 13/03/2025 16:50:36.
- Leonardo Martins da Silva, CHEFE - CD0004 - OES-DAA, em 13/03/2025 15:52:34.
- Wellington Cardoso de Oliveira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 13/03/2025 15:26:19.
- Waleria Batista da Silva Vaz Mendes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 13/03/2025 15:21:37.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 20/02/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 620483  
Código de Autenticação: 72b3d62d3e



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Avenida Pedro Ludovico, s/ nº, S/N, Remy Cury, ANÁPOLIS / GO, CEP 75131-457  
(62) 3703-3359 (ramal: 3359)

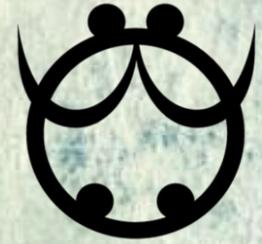
## SUMÁRIO

Apresentação .....	5
Módulo I .....	7
Plano de Ensino .....	8
Leis 10.639/03 e 11.645/08 .....	12
Processo de colonização da mente: a história contada .....	16
Módulo II .....	20
Conhecendo a Terra das Palmeiras .....	20
Cosmovisão dos colonizadores x cosmopercepções dos povos originári.....	22
Resistência dos povos originários .....	23
Povos indígenas de Goiás .....	27
Módulo III .....	30
África Imperial .....	31
Aprendendo com os valores civilizatórios africanos .....	39
A diáspora africana no Brasil .....	48
Módulo IV .....	51
Educação decolonial: ações pedagógicas essenciais .....	51
Sugestões de livros, vídeos, músicas .....	58
Módulo V .....	64

## Apresentação



Apresento esse Produto Educacional com o Adinkra *Ti koro nko agyina*. Adinkra é uma tecnologia ancestral, do povo Akan, situado na Costa Oeste do continente africano. É um sistema de escrita em forma de ideogramas, cada um deles transmite uma filosofia de vida. É importante iniciarmos um curso afrocentrado com esse símbolo, porque a ciência etnocentrista europeia negou que a África tivesse uma história ao alegar que seus povos nunca criaram sistemas de escrita. O que pode ser facilmente refutado, pois além dos hieróglifos egípcios, existem inúmeras escritas africanas sendo os Adinkras, uma delas.



Esse Adinkra *Ti koro nko agyina*, é um símbolo de cooperação, do trabalho em equipe, de saber ouvir os conselhos uns dos outros, a diversidade de olhares e saberes engrandecem, enriquecem a todos que estiverem abertos a esse processo. E a mensagem primordial é que é sempre bom que as pessoas trabalhem juntas, porque visões e opiniões diferentes ajudam a tomar as melhores decisões, e que nenhuma pessoa é suficiente por conta própria.

A escolha dessa Adinkra é para dizer que o mesmo ocorre em relação ao patrimônio cultural e histórico acumulado pela humanidade, não veio de um único local, de um único povo e não é a única história que deva ser contada. No entanto, por séculos através do processo de colonização ocorreu o silenciamento, o apagamento e a marginalização de outras formas de ser, ver e viver no mundo que não a eurocêntrica.

O colonialismo europeu para conseguir saquear as riquezas dos continentes invadidos, utilizou a estratégia de desumanização, inferiorização dos povos originários e africanos, anulando suas autoimagens de povos livres, soberanos e vivendo em suas próprias terras, com organização social, política, econômica, cultural, técnica e tecnológica adequadas aos seus tempos históricos e as suas necessidades.

Portanto, esse curso tem o objetivo de contribuir com a complementação do currículo do curso de formação de professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, para que estes se sintam mais preparados para o ensino da História e Cultura da África, dos afro-brasileiros e dos povos indígenas no Brasil.

Todas as crianças brasileiras sofrem os prejuízos da imagem distorcida, por séculos, socialmente representadas dos afro-brasileiros e povos originários, sendo suas



próprias autoimagens afetadas, pois querendo ou não, somos uma sociedade multicultural, e cada brasileiro carrega em sua história essas identidades inferiorizadas, gerando em nossa população uma grande dificuldade de emancipação, pois carregamos um complexo de inferioridade histórico que precisa ser reparado.

Sendo o Brasil, um país majoritariamente negro, inclusive o segundo país do mundo com o maior número de população de descendência africana, ainda é pouco o que tem sido feito, até o momento, para acabar com as imagens estereotipadas, negativas e exóticas do continente africano, colocando-os como um povo conflituoso, ignorante, atrasado, entre outros adjetivos que não condizem com a realidade histórica.

Portanto, esse curso é pensado na perspectiva de contribuir na construção de uma identidade social que resgate as culturas negras e indígenas, que nos foram negadas e falsificadas e criar a possibilidade de compreender as significativas contribuições das populações africanas, afro-brasileiras e indígenas na formação do povo brasileiro.

Este material didático é composto pela sistematização das aulas que foram elaboradas para o curso de formação de professores: Aprendendo com os Saberes Ancestrais como Construir uma Educação Decolonial na Educação Profissional e Tecnológica.

O curso é parte do trabalho de pesquisa vinculada a dissertação: Ousando buscar nos saberes ancestrais possibilidades de pensar uma educação decolonial na Educação Profissional e Tecnológica, do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do programa ProfEPT do Instituto Federal de Goiás, Câmpus Anápolis, desenvolvido a partir de uma perspectiva afrocêntrica e baseadas nos estudos sobre colonialismo e decolonialidade. Para sua construção foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e documental, além de questionários e entrevistas como instrumento de coleta de dados.

Espera-se que este material didático seja utilizado como fonte de estudos e contribuam com a formação dos professores da Educação Infantil e dos Anos iniciais, para que eles sintam mais segurança ao trabalhar os conteúdos exigidos pelas leis 10.639/03 e 11.645/08, e sejam agentes ativos das mudanças nas estruturas coloniais e, portanto, racistas, sexistas e classistas, da nossa sociedade

## Módulo 1



Peçamos licença a todos que vieram antes de nós e abriram os caminhos para que estivéssemos aqui!

Esse é o primeiro módulo do curso de formação: Por uma educação decolonial na Educação Profissional e Tecnológica.

**Os objetivos deste módulo do curso são que você possa:**

- ✓ **Conhecer o plano de ensino do curso;**
- ✓ **Realizar uma autoavaliação diagnóstica;**
- ✓ **Conhecer o conteúdo das leis 10.639/03 e 11.645/08 e seu contexto histórico**
- ✓ **Refletir sobre a construção da identidade brasileira**

### **Apresentação do plano de ensino**

Essa é o Adinkra *Nea omnin no sua a, ohu*, nos apresenta enquanto ideograma e provérbio, traduzindo diz que aquele que não sabe pode, pela aprendizagem, adquirir conhecimentos. É um símbolo do conhecimento, da educação através da vida e da contínua busca pelo saber. Ele nos inspira a entender que todos os dias sob a face da Terra encontramos infinitas possibilidades de aprendizagem, no entanto precisamos estar dispostos e abertos tanto para aprender como para ensinar.



Os provérbios são uma importante fonte dos ensinamentos africanos, que comumente são desvalorizados ou considerados como uma cultura inferior ou folclorizada. Nesse mundo onde a ciência foi usada como parâmetro de explicação da superioridade da ‘raça’ branca, desconsiderar conhecimentos produzidos pelos africanos e indígenas é uma prática naturalizada.

No entanto, aquele que não sabe, pode saber através do processo de aprendizagem, de estudos e leituras. Essa capacidade humana possibilita que possamos reaprender a história contada de forma preconceituosa, inclusive sobre os provérbios, que eram considerados apenas como um conselho, uma orientação nada significativa.



Este curso de formação, cujo objetivo é contribuir com a complementação do currículo o curso de formação de professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, para que estes se sintam mais preparados para o ensino da História e Cultura da África, dos afro-brasileiros e dos povos

indígenas no Brasil. Ele está dividido em seis módulos e tem previsão de 40 horas e quatro meses de duração.

Os conteúdos contemplados nesta apostila também são disponibilizados em formato de videoaulas cujos links estão inseridos no final de cada módulo. Para a construção da aprendizagem, foram previstas atividades interativas, coletivas e individuais por meio de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), Google Drive e videoconferência. A avaliação da aprendizagem dar-se-á pela participação em atividades como autoavaliação diagnóstica, instrução por pares, fóruns, estudo de caso, quadro sinóptico, conversa e debate em videoconferência e avaliação do curso.

O plano de ensino ainda contempla os conteúdos a serem estudados e as referências utilizadas na elaboração do curso. Ele ficará disponível no AVA para que você possa consultá-lo a qualquer momento. O plano é flexível, ou seja, poderá sofrer alterações frente a situações imprevistas e para melhor se adequar à realidade dos estudantes.

## PLANO DE ENSINO

### 1. IDENTIFICAÇÃO

**Curso:** Construindo uma educação decolonial na Educação Profissional e Tecnológica

**Carga horária:** 40 horas

**Duração:** três meses

**Modalidade:** a distância

**Público-alvo:** Alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Goiás  
Câmpus Goiânia Oeste

### 2. OBJETIVO

- ✓ Contribuir com a complementação do currículo o curso de formação de professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, para que estes e sintam mais preparados para o ensino da História e Cultura da África, dos afro-brasileiros e dos povos indígenas no Brasil.

## CONTEÚDOS

### Módulo I

- ✓ Apresentação do Plano de Ensino
- ✓ A lei existe para aprendermos o que ainda não sabemos sobre nós
- ✓ Iniciando o processo decolonial: refletindo sobre a história contada

### Módulo II

- ✓ A Terra das Palmeiras: Pindorama
- ✓ Cosmovisões colonizadoras e cosmopercepções dos povos originários
- ✓ A resistência dos povos originários nos dias atuais

### Módulo III

- ✓ África pré-colonial
- ✓ Valores Civilizatórios Africanos
- ✓ Identidade Negra Brasileira

### Módulo IV

- ✓ Educação decolonial: princípios fundamentais

### Módulo V

- ✓ Apresentação dos trabalhos- práticas decoloniais na Educação Infantil e Anos Iniciais
- ✓ Avaliação/ Autoavaliação

## BIBLIOGRAFIA

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. Companhia das Letras, 2019.

ASANTE, Molefi K. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar**. In: **NASCIMENTO, E. L. (Org.)**. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Livro digital. Edição do Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003** Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em 01/02/2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em 01/02/2024

CARDOSO, Hícaro de C. **Ideogramas Adinkra: A Filosofia dos Símbolos Africanos** Livro digital Edição do Kindle. 2ª ed. São Paulo: De Castro, 2022.

CAVALLEIRO, Eliane S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

DE LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução Sérgio Milliet. Biblioteca do Exército – Editora, 1961.

DIOP, Cheikh A. **A origem africana da civilização: mito ou realidade**. Tradução para o português a partir de Mercer Cook. Lawrence Hill & Co, 1974. Encontrada no link: <https://www2.unifap.br/neab/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civiliza%C3%A7%C3%A3o-ptbr-completo.pdf>

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GOMES, Nilma L. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferentes presenças na escola**, 2008. Disponível em [www.mulheresnegras.org/nilma.html](http://www.mulheresnegras.org/nilma.html)

[GOIÁS. Governo de. População indígena em Goiás mais que dobra em 12 anos, aponta Censo Demográfico 2022. Secretaria de Estado da Casa Civil. https://goias.gov.br/casacivil/populacao-indigena-em-goias-mais-que-dobra-em-12-anos-aponta-censo-demografico-2022/](https://goias.gov.br/casacivil/populacao-indigena-em-goias-mais-que-dobra-em-12-anos-aponta-censo-demografico-2022/) Acessado em 05/11/2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2020.

KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ Vol. I e II. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia do Ubuntu: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2014.

MAZAMA, Ama. **A afrocentricidade como um novo paradigma**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele.(org.) **Superando o racismo na escola.** 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro- processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias de destruição.** São Paulo: União dos Coletivos Pan-africanistas, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, Luís Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

SANTOS, Antonio B. dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações.** 2ª ed. Brasília: UNB/Associação de Ciência e Saberes para o Etnodesenvolvimento AYÓ, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica- quadragésimo ano, novas aproximações.** Campinas: Autores Associados, 2019.

SILVA, Petronilha G. **Entre Brasil e África: Construindo Conhecimento e Militância.** Ebook Kindle. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

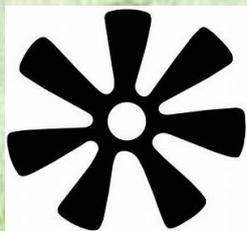
Antes de iniciar o curso, responda a algumas perguntas que servirão para diagnosticar seus conhecimentos e habilidades, bem como para melhor conduzir o seu processo de aprendizagem e, no final do curso, saber o quanto aprendeu. Acesse o questionário:

<https://forms.gle/TF7HSbGKZVw1RvSJ8>

## 1. Leis 10.639/03 e 11.645/08 existem para nos ajudar a conhecer toda a história

*O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.*

*(Kabengele Munanga)*



Para entender a letra das leis 10.639/03 e 11.645/08 e sua implementação no sistema educacional brasileiro, usarei como inspiração o Adinkra Ananse Ntontan. Ananse, que significa aranha na linguagem dos Ashanti, pode ser entendido como o mensageiro do ser supremo, o dono de todas as histórias do Divino.

Ananse, a aranha, é um personagem bastante conhecido nos contos africanos. Sua lenda inicia num mundo antigo, onde não havia histórias e por isso viver ali era muito triste. Um homem chamado Ananse, conhecido por saber fazer belas teias, descobriu que no céu um Ser Supremo todo poderoso guardava um baú cheio de histórias. Teceu uma teia até o céu e subiu por ela, pedindo o baú para que pudesse contar as histórias para a humanidade. O Ser Supremo fez um desafio a Ananse para que pudesse lhe dar o baú. Desafio cumprido, Ananse trouxe o baú para a terra, através de suas teias, mas ao chegar à terra, abriu o baú e as histórias fugiram e se espalharam pelo mundo, criando a complexidade da existência.

Ananse Ntontan significa a teia de aranha, é o símbolo da sabedoria, criatividade, engenho, e complexidades da vida. Durante todo processo de construção do movimento dos negros no Brasil foi necessário ter muita sabedoria para entender o que poderia ser feito em cada momento. Além de criatividade para enfrentar os obstáculos e não se emaranhar nas armadilhas criadas pelo sistema, para compreender as contradições e os obstáculos, com o intuito de superá-los para construir um futuro melhor.

As organizações e movimentos criados com o fim de combater o racismo, usaram, além de muita luta, também de sabedoria e criatividade para conquistar espaços nas políticas públicas até desembocar na promulgação das leis 10.639/03 e 11.645/08. Isso nos remete a *Ananse Ntontan* por ser frutos desse contexto de luta contra o racismo e todo tipo de opressão, silenciamento e apagamento da história, na busca de acabar com séculos de história única eurocentrada sobre a vida dos povos originários e a diáspora africana no Brasil.

Havia nesse período uma grande mobilização na sociedade, alcançando notoriedade no sistema político, através de políticos eleitos por uma gama diversificada de partidos que se aliaram ao projeto antirracista, e alguns municípios e estados iniciaram o processo de aprovação de leis que colaboraram nesse sentido. Os pioneiros foram os municípios de Salvador e Belo Horizonte que proibiram as escolas usarem livros que propagavam qualquer tipo de estereótipo ou preconceito.

Em 2003, logo após a posse do novo governo, em um momento de comoção popular pela eleição de um trabalhador para a presidência da república, no dia 09 de janeiro o presidente Luiz Inácio Lula da Silva promulgou a Lei 10.639/03 que alterou a LDB nº 9394/96, tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino. A referida Lei traz os seguintes apontamentos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afrobrasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

[...] Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

Em 2008, a Lei 10.639 foi modificada pela Lei 11.645/08, que incluiu no currículo escolar o ensino da História e Cultura Indígena.

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.”

Imagem criada por Helianny Wyrta a partir do texto da Constituição Federal

As leis são bem explícitas no que diz respeito à obrigatoriedade em todo Ensino Básico que vai da Educação Infantil ao Ensino Médio, além de especificar os conteúdos aos quais ela se refere e que estes devem permear todo o currículo escolar, embora tenha ressaltado três componentes curriculares de forma especial, em nenhum momento está escrito que é apenas nesses, ao contrário. No entanto, infelizmente podemos constatar que a letra da lei não especifica elementos essenciais para que sua implementação pudesse ser realmente realizável como afirma Santos (2005)

(...) a lei não se refere à necessidade de qualificar os professores dos ensinos fundamental e médio para ministrarem as disciplinas referentes à Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, menos ainda, o que é grave segundo nosso entendimento, à necessidade de as universidades reformularem os seus programas de ensino e/ou cursos de graduação, especialmente os de licenciatura, para formarem professores aptos a ministrarem ensino sobre História e Cultura Afrobrasileira. Ao que parece, a lei federal, indiretamente, joga a responsabilidade do ensino supracitado para os professores. Ou seja, vai depender da vontade e dos esforços destes para que o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira seja ministrado em sala de aula. Essa lei também não indica qual é o órgão responsável pela implementação adequada da mesma, bem como, em certo sentido, limita o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira às áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (SANTOS, 2005, p. 33).

As duas leis são complementares e fazem parte de ações afirmativas com o fim de promover uma educação antirracista e, portanto, estabelecer condições para uma educação decolonial, onde os afrodescendentes e os indígenas saiam do lugar de apagamento e silenciamento que foram submetidos por séculos, para que possamos construir uma identidade realmente brasileira, levando em consideração toda a diversidade que a compõe.

Em 2017, o Conselho Nacional da Educação em parceria com a Unesco lançou um edital com o objetivo de contratar consultoria especializada para subsidiar a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE) na elaboração de estudo sobre a aplicação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 nas escolas públicas de educação básica do país.

Pereira (2017) analisou os Planos de Educação dos 26 estados brasileiros e o Distrito Federal, levando em consideração as redes públicas estaduais e municipais de ensino, comparando metodologias, estratégias e material pedagógico que atendiam aos dispositivos das leis em questão. A pesquisa foi feita por amostragem, utilizando como parâmetro as cinco regiões e escolhendo os municípios de acordo com os maiores IDH.

Segundo dados estatísticos do relatório, a região Centro-Oeste ocupa o penúltimo lugar em relação à aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, pois nos planos de seus municípios e dos Estados não foi encontrado referência às leis ou estas apareciam apenas como citação de forma genérica.

Após análise de todos os planos, a consultora constatou que a princípio as leis foram recebidas com reservas por parcela significativa da sociedade e, houve muita dúvida sobre sua implementação, principalmente dos profissionais da educação que não se sentiam preparados para ensinar um conteúdo tão controverso pela estrutura da sociedade e que, ainda por cima, não haviam tido acesso em suas formações. E ainda, que as leis foram sendo implementadas nas escolas, mas em função de iniciativas individuais de grupos de professores interessados na temática, pois não havia formação e nem o efetivo comprometimento das secretarias estaduais ou municipais de ensino, com o fim de organizar políticas públicas que viabilizassem o cumprimento.

A pesquisa aponta, ainda, que a própria constituição da sociedade brasileira e sua história de preconceito e discriminação com a população negra e indígena, fez com que a grande maioria da população desconheça sua história, tendo conhecimento apenas do que foi escrito pelo colonizador, portanto, com uma visão eurocentrada de mundo. A situação se agrava, pois, as pessoas, em geral, desconhecem até mesmo que elas não têm acesso à sua história, sendo predominante na representação social brasileira a história colonial difundida por séculos.

Assim, além da dificuldade da formação deficiente, nós temos uma formação social racista, dessa maneira é necessário que o profissional além ter que ser um pesquisador sobre a história da África, dos africanos-brasileiros e dos povos indígenas, ele precisa, além de tudo ser despojado de preconceito, de racismo, intolerância religiosa e estar dispostos e comprometidos com a propagação de todo o patrimônio cultural acumulado, incluindo os povos originários e africanos.

Os dados relatados mostram que 92,4% dos planos não informaram sobre os materiais didáticos disponibilizados referentes às leis citadas e que 90,5% dos Estados e municípios não informaram as ações tomadas para promover a formação e capacitação dos professores. (PEREIRA, 2017). A consultora conclui que é fundamental que os planos sejam acompanhados para além da sua implementação, pois os gestores educacionais, devem estar comprometidos com o trabalho de fazer com que as leis saiam do papel e sejam efetivamente aplicadas na sala de aula. Para tanto, é necessário um investimento pesado na formação de professores

## 2. Processo de colonização da mente: refletindo sobre a história contada

O Adinfkra *Sesa Wo Suban*, que vem da expressão: *mude ou transforme a sua atitude*. Ele tem o sentido literal de “Transforme seu próprio caráter” ou “Eu posso me transformar”. A sua imagem consiste na união de dois símbolos: a estrela da manhã, que representa o início de um novo dia ou jornada e a roda, remetendo ao sentido de movimento.



O objetivo desse ideograma é ensinar a ver que nunca é tarde para mudar, para tomar uma nova direção, para transformar o que já não faz sentido. Essa mudança, no entanto, só faz sentido, a partir da reflexão sobre si mesmo e seu lugar no mundo. O autoconhecimento é fundamental para podermos renovar nossas rotinas de forma a mudar nós mesmos e, por consequência, o mundo que nos rodeia, através de novas atitudes.

Para a compreensão das relações de poder que envolvem os projetos educacionais, precisamos entender as diferenças existentes em quatro conceitos interligados, mas com nuances distintas: colonialismo, colonialidade, descolonização e decolonialidade. Antes, contudo, vamos refletir sobre um provérbio africano que diz:

***“Enquanto o leão não aprender a contar suas histórias, as vitórias da caça serão sempre do caçador”.***

Esse provérbio nos convida a refletir sobre o poder da narrativa. Quem controla a história é aquele que a está contando, ele tem o poder de moldar as percepções dos outros sobre o que aconteceu. Nesse caso é o caçador que conta sua versão dos fatos, nele o leão é um animal selvagem pronto a atacar, sendo que o contador se coloca no papel de herói que veio salvar a todos, os livrando do perigo. E se o leão falasse? Talvez ele pudesse dizer que ele estava tranquilamente tomando água no rio com sua família quando foi atacado covardemente por um homem armado. No entanto, a realidade é que a perspectiva do leão é desvalorizada.

Cada indivíduo ou grupo tem sua própria perspectiva sobre os eventos, pois cada um tem sua cosmovisão, isto é, uma maneira subjetiva de ver e entender o mundo, as relações e os papéis dos indivíduos e o seu próprio na sociedade. Levando para nosso contexto, qualquer ser humano ou não, que não tenha a sua história levada em consideração, é reduzido a um mero objeto que pode ser violado e isso é um fator preponderante na construção da identidade.

A história dos povos originários e dos africanos e sua diáspora, foram contadas pelos colonizadores, nesse sentido suas cosmovisões foram silenciadas e por vezes, apagadas da história da humanidade. A história tradicionalmente tem sido escrita pelos colonizadores, silenciando as vozes e colocando à margem uma grande parte da nossa essência, enquanto povo brasileiro. O provérbio africano nos alerta para a importância de questionar as narrativas dominantes e ouvir outras versões da história contada, no nosso caso, pelos colonizados.

Vamos ler e refletir sobre essa história:

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

A expedição de Pedro Álvares Cabral chegou às terras brasileiras no dia 22 de abril de 1500. Ao aproximar-se das terras brasileiras, avistaram um monte e lhe deram o nome de Monte Pascoal, por estarem na época da Páscoa.

Aportaram em Porto Seguro, no Estado da Bahia, atual Baía de Cabrália. Quando desembarcaram, Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra portuguesa, escreveu ao rei de Portugal contando a beleza da terra aqui encontrada.

No dia 26 de abril, foi celebrada a primeira missa no Brasil, por Frei Henrique Soares.

Em 1º de maio, Cabral tomou posse da terra em nome do rei de Portugal.

Os portugueses deram outros nomes à terra brasileira antes de se chamar Brasil: Ilha de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz.

O nome Brasil foi escolhido por causa da madeira pau-brasil, que aqui era encontrada em grande quantidade. O pau-brasil era uma madeira muito utilizada na Europa, para fazer navios e tingir roupas. A sua cor é vermelha como brasa, daí o nome Brasil.

### Atividade 1: Observação e reflexão

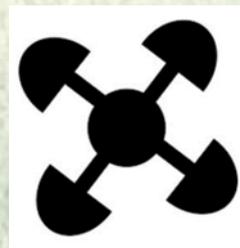
Essa história é a contada nos livros didáticos e atividades realizadas, geralmente no final de abril de cada ano, em algumas escolas brasileiras.

Observando atentamente a atividade faça uma análise apontando:

- eventuais erros que o texto contém
- o que o texto ressalta
- o que o texto omite
- qual o sentido de trabalhar essa data?
- qual a sua sugestão de atividade para trabalhar com essa temática

Obs. Essa é a primeira atividade que será avaliada. Escreva um texto com suas respostas e poste na plataforma indicada.

Para continuar refletindo sobre essa questão, vamos conhecer um mito sobre a Verdade e a Mentira. Os mitos são partes essenciais dos saberes ancestrais, e será representado aqui, pelo Adinkra *Akoma Ntoso*, este vem de um provérbio ganense que se traduz, literalmente, para “corações unidos”. Se apresenta com a figura de quatro “corações” que se parecem com círculos ligados a um círculo no centro, sendo visto como um símbolo de harmonia nas comunidades africanas. Transmitindo a ideia de acordo, de entendimento ou compromisso, qualidades que estimulam a união entre casais, amigos e outras relações.



A escolha desse Adinkra vem do fato de que as sociedades ancestrais o sentido de comunidade e de relações é central. E esse ideograma é um incentivo para as pessoas entrarem em acordo e manter um compromisso. É através dos mitos, que a comunidade africana preserva sua história, valores e identidade, fortalecendo os laços que unem seus membros.

Antes de adentrar no conceito de mito na cosmopercepção africana, precisamos falar sobre o que aprendemos sobre os mitos através dos valores ocidentais que colonizaram nossos saberes. Quando nos referimos ao termo mito geralmente é para relacionar a o que é falso, uma mentira ou um absurdo. Essa palavra carrega uma carga negativa, dela deriva o termo “mitômano”, aquele que tem compulsão para mentir.

Para os ancestrais, africanos e indígenas, os mitos, em sua essência, são histórias que explicam a origem de um povo, de suas tradições e de seu lugar no mundo, oferecendo uma narrativa fundadora, um ponto de partida para a construção da identidade coletiva. Além disso, transmitem valores e princípios necessários para a vivência em grupo e servem como um código ético de conduta que visam disseminar a harmonia e o bem estar da comunidade.

Leremos esse mito com o sentido da aprendizagem e vivência:

### **A Mentira e a Verdade**

A Mentira disse à Verdade:

-Vamos tomar banho juntas, a água do poço é muito boa.<sup>1</sup>

A Verdade, ainda desconfiada, testou a água e descobriu que estava muito boa. Então elas despiram-se e tomaram banho.

De repente, a Mentira saiu da água e fugiu, vestindo as roupas da Verdade.

A Verdade, furiosa, saiu do poço para recuperar as suas roupas. Mas o Mundo, ao ver a Verdade nua, desviou o olhar, com raiva e desprezo. A pobre Verdade voltou ao poço e desapareceu para sempre, escondendo a sua vergonha. Desde então, a Mentira corre pelo mundo, vestida de Verdade e a sociedade fica muito feliz, Porque o mundo não quer conhecer a Verdade nua.

Qual é a ‘verdade’ que nós sabemos, enquanto brasileiros e brasileiras, sobre a nossa história?  
Por que será que o Brasil chama Brasil?

O NOME é algo muito importante. Não colocamos o nome em um filho ou algo que gostamos por colocar. Geralmente levamos tempo para escolher um nome pois ele tem que representar um sentimento, um desejo, algo significativo. O nome da família é importante, pois é o registro da nossa história, do nosso senso de pertencimento.

### **ATIVIDADE 2: Pesquisa**

- ✓ Como, antes da colonização, os povos originários chamavam o território que hoje conhecemos como América Latina?
- ✓ E qual era o nome do nosso território, antes de ser colonizado?
- ✓ Quais os nomes os colonizadores deram para esse território?
- ✓ Por que chegaram à conclusão de que aqui deveria ser chamado de Brasil?

Obs.: Não precisa escrever ou postar essa atividade, mas importante que você amplie seu conhecimento sobre isso, para seu futuro profissional.



## Módulo 2

### OBJETIVO:

- ✓ **Compreender a origem, o significado e a importância histórica do nome Pindorama, estabelecendo conexões entre a cultura indígena, a história do Brasil e a identidade nacional.**

### 1. CONHECENDO A TERRA DAS PALMEIRAS

Então, como vocês já devem ter descoberto através de suas pesquisas. Os principais nomes dado pelos colonizadores ao território que hoje conhecemos como Brasil foram:

**Ilha de Vera Cruz:** Este foi o primeiro nome dado por Pedro Álvares Cabral, em referência à cruz que ornamentava as velas das caravelas portuguesas e simbolizava a fé católica. A ideia era de que as novas terras eram uma espécie de "Terra Santa" a ser conquistada para o cristianismo.

**Terra Nova:** Esse nome era comum na época para qualquer terra recém-descoberta. Ele expressava a novidade e a promessa de um novo mundo a ser explorado.

**Terra dos Papagaios:** Os portugueses ficaram impressionados com a abundância de papagaios nas novas terras e esse nome se popularizou por um tempo, especialmente entre os italianos e franceses.

**Terra de Santa Cruz:** Esse nome foi uma variação de "Terra de Vera Cruz" e também fazia referência à cruz cristã e à intenção de evangelizar os povos nativos.

**Terra de Santa Cruz do Brasil:** A partir de 1505, o nome "Brasil" começou a ser associado ao pau-brasil, uma madeira muito valorizada na Europa. A partir daí, o nome "Brasil" foi se consolidando e se tornou a denominação oficial do território.

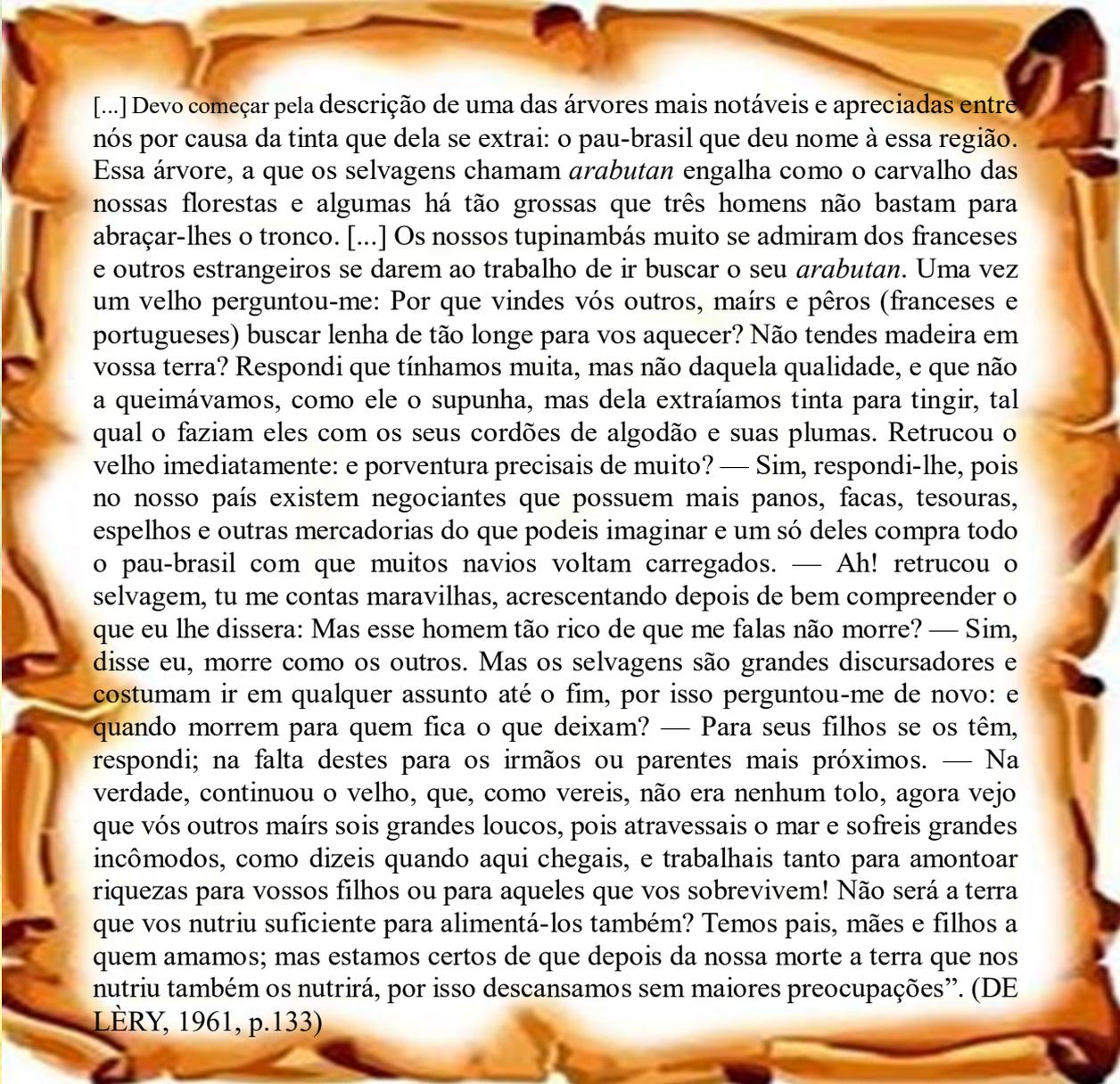
A variedade de nomes se explica pela própria dinâmica da colonização. Inicialmente, os portugueses tinham uma visão mais religiosa e exploratória das novas terras. Com o passar do tempo, os interesses econômicos se intensificaram e o nome "Brasil", ligado à exploração do pau-brasil, se tornou mais relevante.

A história dos nomes do Brasil é um reflexo da história da colonização portuguesa e da construção da identidade nacional. Cada nome carrega consigo um significado e um contexto histórico específicos, revelando os valores, as expectativas e as transformações que marcaram a formação do nosso país.

O nome do nosso país não marca necessariamente uma cidadania. Se somos brasileiros e brasileiras, não é necessariamente porque somos cidadãos, mas porque descendemos de uma perspectiva colonial de exploração. É o nome de um produto que tinha nessa terra. Isso vai nos marcar.

Antes da chegada dos europeus, os indígenas já habitavam todo território americano e essas terras tinham já tinham nomes. O nome "Pindorama", por exemplo, que significa "terra das palmeiras" em tupi-guarani, era uma das denominações utilizadas pelos povos nativos para denominar o território hoje conhecido como Brasil.

Os indígenas ou povos originários, são os verdadeiros donos dessas terras, e eles já tinham uma organização social estruturada, com cultura, valores, filosofias, tecnologias. Um francês, chamado Jean de Léry, veio ao Brasil em 1558 e escreveu um diário sobre suas experiências e vivências que virou um livro: Viagem à terra do Brasil, no qual ele relata como foi sua convivência com os nativos. Em uma das passagens do livro é possível identificar a diferença existente entre a filosofia de vida dos povos originários e dos europeus:



[...] Devo começar pela descrição de uma das árvores mais notáveis e apreciadas entre nós por causa da tinta que dela se extrai: o pau-brasil que deu nome à essa região. Essa árvore, a que os selvagens chamam *arabutan* engalha como o carvalho das nossas florestas e algumas há tão grossas que três homens não bastam para abraçar-lhes o tronco. [...] Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu *arabutan*. Uma vez um velho perguntou-me: Por que vindes vós outros, maírs e pêros (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas. Retrucou o velho imediatamente: e porventura precisais de muito? — Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados. — Ah! retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas, acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: Mas esse homem tão rico de que me falas não morre? — Sim, disse eu, morre como os outros. Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo: e quando morrem para quem fica o que deixam? — Para seus filhos se os têm, respondi; na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos. — Na verdade, continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros maírs sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores preocupações”. (DE LÉRY, 1961, p.133)

Na sequência do seu diário o autor explana sobre a diferença de visão de mundo dos povos originários, que eram chamados de bárbaros e incivilizados pelos europeus, mas que demonstravam grande inteligência e cuidado com a natureza. Enquanto os europeus saíam pelo mundo procurando nações para saquear, eles estavam cuidando da terra e da subsistência dos seus com o que a natureza os oferecia.

### **Atividade 3 - Reflexão**

O que fez com que os indígenas não compreendessem o jeito dos colonizadores agir e vice-versa?

## **2. COSMOVISÃO DOS COLONIZADORES X COSMOPERCEPÇÕES DOS POVOS ORIGINÁRIOS E AFRO-DIASPÓRICOS**

Para progredir em nossos estudos, é necessário compreender as experiências e vivências que são a base da visão de mundo dos colonizadores e dos povos originários. Primeiramente vamos distinguir os conceitos de 'cosmovisão' e cosmopercepção. Cosmovisão está atrelado a maneira de ver, o ponto de vista e será utilizado para se referir a cultura ocidental-europeia. Em relação aos povos originários utilizaremos o termo cosmopercepção, pois este é um conceito mais abrangente, englobando a percepção do mundo não apenas pela maneira de ver, mas através da experiência de todos os sentidos. Isso porque a diferença na maneira de ver e perceber o mundo influi diretamente no modo de ser viver e agir. Assim, através da busca de entender a cosmovisão dos colonizadores, europeus e cristãos, justificam a colonização. E as cosmopercepções dos povos originários que resistem.

Assim, podemos afirmar que a cosmovisão ocidental europeia é baseada num sistema de escassez, visto que o hemisfério Norte do planeta, por suas condições climáticas, inclusive pelos seus recursos hídricos e minerais limitados, construiu uma forma de relação com a natureza baseada na exploração e no acúmulo, na necessidade de lutar para conseguir mais recursos para a sobrevivência, inclusive competindo com os semelhantes e travando disputas bárbaras. Enfim, sua filosofia de vida é baseada na conquista do Ter recursos materiais para sobreviver.

Ao contrário, os povos originários e, também, os africanos, por situarem no hemisfério Sul do planeta, rico em recursos naturais e minerais, com sol e água em abundância, estabeleceu com a natureza uma relação de vínculo, de intimidade e gratidão, sentindo-se integrados a ela, recebendo dela tudo que é necessário para a sobrevivência. Nesse sentido, buscaram na natureza as respostas para a existência. Nesse processo, percebe-se como parte da natureza e valoriza a diversidade que é dela inerente.

A colonização tem suas bases fundamentadas na cosmovisão de mundo dos colonizadores, que utilizaram os princípios do cristianismo europeu, e na crença da superioridade da cultura europeia, utilizando-as como justificativa ideológica para impor uma única visão de mundo para todos os povos, buscar por riquezas, expandir seus impérios e a propagar a superioridade de sua cultura e religião.

A ideia de "civilizar" os povos considerados "inferiores" era frequentemente associada à missão de converter esses povos ao cristianismo. Os colonizadores europeus, impulsionados por suas cosmovisões e interesses por poder e riquezas, buscaram transformar o mundo na 'imagem e semelhança europeia', submetendo outros povos e culturas a um processo de aculturação e

dominação, que não ocorreu de forma pacífica, houve resistências, para contê-las utilizaram de toda forma de violência existente, tanto física quanto psicológica.

Santos (2021) fez um levantamento das características basilares das cosmovisões ocidentais-europeias e judaico-cristãs e das cosmopercepções dos povos originários e africanos, para entender como cada povo constrói suas várias maneiras de viver, ver, sentir e ser no mundo e na sua relação com os outros seres humanos, com os animais e com a natureza. Ele afirma que o Deus eurocristão-monoteísta por ser onipotente, onipresente, inatingível e único, é um Ser desterritorializado, porque está acima de tudo e de todos, sendo assim a organização social só pode ser entendida de forma vertical, exclusivista e linear. Sendo Deus masculino, desenvolve uma necessidade de homogeneidade e de sentido patriarcal.

Por outro lado, os povos originários, embora tenham a crença em um Ser Superior criador de todas as coisas, cultuam várias divindades que são pluripotentes, pluricientes, pluripresentes, materializadas através dos elementos da natureza, dessa forma são territorializadas. As sociedades organizadas a partir dessa cosmopercepção tendem a relações horizontalizadas, de forma circular, são comunidades heterogêneas e, podem ser tanto matriarcais quanto patriarcais, dependendo de cada contexto histórico.

Em relação aos templos religiosos, os ocidentais-judaico-cristãos frequentam cultos onde existe a centralidade em uma pessoa que fica na frente e, geralmente em cima de um púlpito, e tem a autoridade de falar em nome de Deus. Ao contrário disso, nos rituais dos povos originários e africanos as organizações são circulares e as divindades se manifestam através dos seus praticantes.

Em relação as manifestações culturais, o autor declara que a cosmovisão euro-ocidental é baseada em organizações verticais e número limitado de participantes que competem entre si pela melhor classificação. Essas competições são delimitadas por sexo, faixa etária, classe social e geralmente, são divididos por equipes. Os espaços são delimitados e acompanhados por juízes e torcidas. Como o jogo de futebol, os jogos olímpicos, etc.

Em contrapartida, as manifestações culturais dos povos originários e africanos são organizadas geralmente em estruturas circulares, com participação de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. Os princípios filosóficos são comunitários e de compartilhamento de saberes, além de serem momentos de confraternização e festejos, como exemplo: a capoeira, a congada, a pamonhada, etc.

Compreender a existência dessas cosmogonias é necessário para conseguir analisar os efeitos dessas diferenças no contexto histórico da colonização, para entender porque os povos originários receberam, ajudaram, alimentaram, acolheram os ‘visitantes’ que não tiveram nenhum pudor em vilipendiar os anfitriões, iniciando um fenômeno social cruel, genocida e o mais longo de toda a história da humanidade. Obviamente, pela maneira de ser e viver dos povos originários, eles não imaginavam que existissem pessoas que fossem capazes de agir de forma tão cruel e sorrateira.

### **3. RESISTÊNCIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS NOS DIAS ATUAIS**

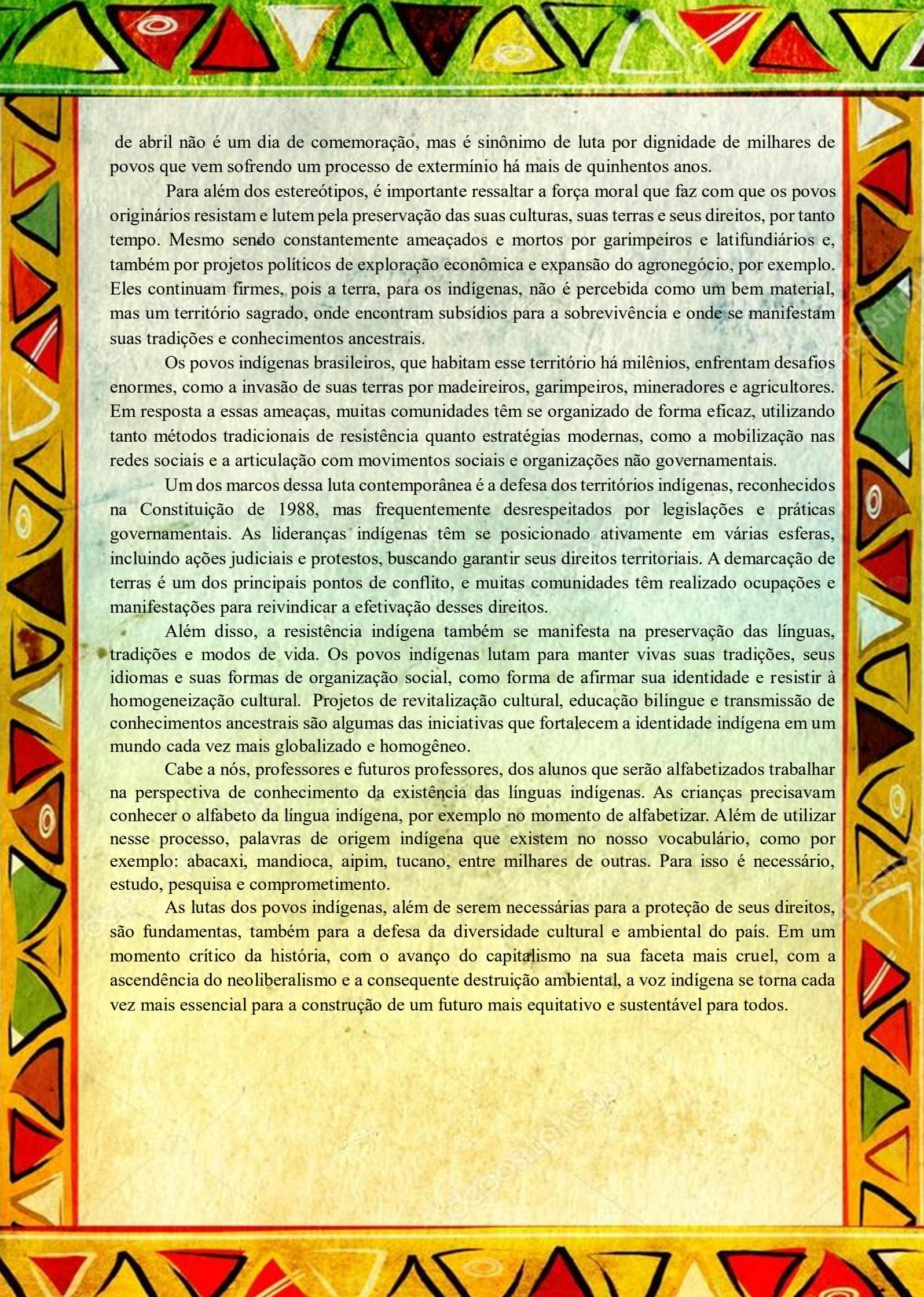
Antes de tudo, precisamos ressaltar uma verdade essencial: *o território que hoje chamamos de Brasil é “Terra Indígena”* e que todo povo brasileiro deve reverência e respeito a essas pessoas que foram vilipendiadas e que são parte da nossa genética, portanto na nossa ancestralidade. Nós

somos parte dos povos indígenas também, e precisamos conhecer mais sobre quem nós somos. A preservação da cultura e da identidade indígena é um aspecto fundamental, pois a imposição de valores e costumes europeus, a discriminação e o racismo contribuíram para a perda de muitas línguas e conhecimentos tradicionais.



Enquanto estudantes de Licenciatura em Pedagogia e, portanto futuros professores da Educação Infantil e Anos iniciais, é necessário ter uma atenção redobrada para exterminar os estereótipos que ainda atravessam a identidade dos povos originários, devido a educação colonial que recebemos.

Para isso, uma ação urgente é não fantasiar as crianças de “índios” no dia 19 de abril, porque ser indígena não é uma fantasia, é uma identidade e precisa ser respeitada e valorizada, inclusive porque faz parte da nossa raiz ancestral, enquanto povo brasileiro. Depois, porque dia 19



de abril não é um dia de comemoração, mas é sinônimo de luta por dignidade de milhares de povos que vem sofrendo um processo de extermínio há mais de quinhentos anos.

Para além dos estereótipos, é importante ressaltar a força moral que faz com que os povos originários resistam e lutem pela preservação das suas culturas, suas terras e seus direitos, por tanto tempo. Mesmo sendo constantemente ameaçados e mortos por garimpeiros e latifundiários e, também por projetos políticos de exploração econômica e expansão do agronegócio, por exemplo. Eles continuam firmes, pois a terra, para os indígenas, não é percebida como um bem material, mas um território sagrado, onde encontram subsídios para a sobrevivência e onde se manifestam suas tradições e conhecimentos ancestrais.

Os povos indígenas brasileiros, que habitam esse território há milênios, enfrentam desafios enormes, como a invasão de suas terras por madeireiros, garimpeiros, mineradores e agricultores. Em resposta a essas ameaças, muitas comunidades têm se organizado de forma eficaz, utilizando tanto métodos tradicionais de resistência quanto estratégias modernas, como a mobilização nas redes sociais e a articulação com movimentos sociais e organizações não governamentais.

Um dos marcos dessa luta contemporânea é a defesa dos territórios indígenas, reconhecidos na Constituição de 1988, mas frequentemente desrespeitados por legislações e práticas governamentais. As lideranças indígenas têm se posicionado ativamente em várias esferas, incluindo ações judiciais e protestos, buscando garantir seus direitos territoriais. A demarcação de terras é um dos principais pontos de conflito, e muitas comunidades têm realizado ocupações e manifestações para reivindicar a efetivação desses direitos.

Além disso, a resistência indígena também se manifesta na preservação das línguas, tradições e modos de vida. Os povos indígenas lutam para manter vivas suas tradições, seus idiomas e suas formas de organização social, como forma de afirmar sua identidade e resistir à homogeneização cultural. Projetos de revitalização cultural, educação bilíngue e transmissão de conhecimentos ancestrais são algumas das iniciativas que fortalecem a identidade indígena em um mundo cada vez mais globalizado e homogêneo.

Cabe a nós, professores e futuros professores, dos alunos que serão alfabetizados trabalhar na perspectiva de conhecimento da existência das línguas indígenas. As crianças precisavam conhecer o alfabeto da língua indígena, por exemplo no momento de alfabetizar. Além de utilizar nesse processo, palavras de origem indígena que existem no nosso vocabulário, como por exemplo: abacaxi, mandioca, aipim, tucano, entre milhares de outras. Para isso é necessário, estudo, pesquisa e comprometimento.

As lutas dos povos indígenas, além de serem necessárias para a proteção de seus direitos, são fundamentais, também para a defesa da diversidade cultural e ambiental do país. Em um momento crítico da história, com o avanço do capitalismo na sua faceta mais cruel, com a ascensão do neoliberalismo e a consequente destruição ambiental, a voz indígena se torna cada vez mais essencial para a construção de um futuro mais equitativo e sustentável para todos.

## O que podemos fazer?

**Informarse:** É fundamental conhecer a realidade dos povos indígenas, suas lutas e seus desafios.

**Apoiar as causas indígenas** Participar de ações e campanhas em defesa dos direitos indígenas.

**Combater o racismo e a discriminação** Respeitar a diversidade cultural e combater qualquer forma de preconceito.

**Consumir produtos da agricultura familiar indígena** Apoiar a economia indígena e fortalecer a produção de alimentos saudáveis e sustentáveis.

**Exigir dos nossos representantes políticos públicas que garantam os direitos dos povos indígenas**

A resistência indígena é uma luta de todos nós. Ao apoiar os povos indígenas, estamos construindo um mundo mais sustentável!

## Atividade 4 - Pesquisa

Precisamos estar atentos ao planejar atividades sobre os povos originários, o ideal é que utilizemos material produzido por autores indígenas.

Sendo assim, assista ao vídeo abaixo e aprenda sobre os povos originários a partir da fala dos mesmos:

[https://www.youtube.com/watch?v=unkNJF\\_mINQ&t=41s](https://www.youtube.com/watch?v=unkNJF_mINQ&t=41s)

Antes da chegada dos europeus, o Brasil abrigava uma rica diversidade cultural, com cerca de 5 milhões de indígenas distribuídos em mais de 1.500 povos e 1.000 línguas. No entanto, a violência do processo colonizador causou uma drástica redução dessas populações. Em Goiás, a expansão territorial, a escravização e as doenças trazidas pelos colonizadores reduziram drasticamente a população indígena, que passou de cerca de 30 mil na metade do século XIX para menos de 4 mil no final do século. Esse processo de colonização pode ser considerado um genocídio indígena, pois dizimou cerca de 80% da população nativa.

A visão eurocêntrica e racista que desvaloriza os conhecimentos tradicionais indígenas persiste no Brasil, negando a riqueza cultural desses povos. No entanto, o próprio nome do estado de Goiás, originário de uma tribo indígena, revela a importância de reconhecer e valorizar essa história. A educação indígena, historicamente negligenciada, é fundamental para a valorização dos conhecimentos ancestrais e para a construção de uma sociedade melhor. Por isso, é urgente desconstruir o mito de que os indígenas não possuem cultura e reconhecer a importância de suas contribuições para a sociedade.



## Povo Avá-Canoeiro



Foto: André Toral, 1982

Os Avá-Canoeiro autodenominam-se *Ãwa*, palavra que, “como em outras línguas tupi-guarani, significa gente, pessoa, ser humano, homem adulto”. Até a década de 1960, o grupo era conhecido como “Canoeiro” na literatura, em razão da grande habilidade na utilização de canoas. Na região do Araguaia, os Avá-Canoeiro são mais conhecidos regionalmente como “Cara Preta” e a língua Avá-Canoeiro pertence à família tupi-guarani, do grande tronco linguístico tupi.

A documentação histórica sobre a colonização da antiga Província de Goiás é farta em registros sobre a presença dos Avá-Canoeiro na região dos formadores do Rio Tocantins, conhecido como Rio Maranhão em seu alto curso, onde o grupo foi encontrado originalmente pelos primeiros colonizadores em meados do século XVIII.

Os fazendeiros do cerrado goiano sempre trataram com violência o povo Avá Canoeiro para tomar posse de suas terras para expandir o agronegócio. Por isso, esse povo é muito conhecido por sua força e resistência. Os Avá são vistos como “Guardiões do Cerrado” por especialistas do assunto, afirmativa justificada por dois fatores, o jurídico e o cultural. Um povo que muito sofreu e no cenário atual vive escondido em seu próprio território.

Sugestão de vídeos para aprender mais sobre os Avá-Canoeiros:

<https://www.youtube.com/watch?v=yiIxEVL0hNg>

<https://www.youtube.com/watch?v=0p3-SZy2Rnc>

<https://www.youtube.com/watch?v=K16v2FllrNM>

<https://www.youtube.com/watch?v=Y-FJs6wXfkk>

Fonte:

[https://curtamais.com.br/goiani/conheca-os-povos-indigenas-de-goias/#google\\_vignette](https://curtamais.com.br/goiani/conheca-os-povos-indigenas-de-goias/#google_vignette)

## Povo Iny-Karajá

O nome deste povo na própria língua é Iny, ou seja, "nós". O nome Karajá não é a auto-denominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de "macaco grande". As primeiras fontes do século XVI e XVII, embora incertas, já apresentavam as grafias "Caraiaúnas" ou "Carajaúna".

Os Karajás são habitantes seculares das margens do rio Araguaia e suas aldeias desenham uma ocupação territorial entre os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará. São hábeis canoeiros, manejam com maestria os recursos alimentares do cerrado.

Os Karajás se destacam pela sua arte cerâmica, em especial pelo modo de fazer as bonecas (ritxòò/ ritxkòkò), atributo exclusivamente das mulheres. Esse saber tradicional está sendo objeto de um processo com vistas ao seu registro como patrimônio imaterial brasileiro.

Devido a grande exploração da atividade agropecuária no estado de Goiás, existe apenas uma área preservada do povo Karajá, que fica no município de Aruanã.



Foto: Vladimir Kozak, Museu Paraense. S.d.



Boneca Ritxokó. Foto: Reprodução/Museu Nacional

### Atividade 5

**Aprendendo a fazer a boneca Ritxòò/Ritxkòkò**

<https://www.youtube.com/watch?v=OqhtIUYimO4>

Sugestão de vídeos para aprender mais sobre:

os Iny-Karajá - [https://www.youtube.com/watch?v=j98iBjldA\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=j98iBjldA_w)

os Javaé – <https://www.youtube.com/watch?v=9BAae14vmd0>

os Tapuias - <https://www.youtube.com/watch?v=4F4Y7JFJMnQ>

## Módulo 3



### Objetivo:

- ✓ **Promover uma compreensão crítica da história e cultura africanas, desconstruindo estereótipos e valorizando os valores civilizatórios africanos e suas contribuições para a construção da sociedade brasileira.**

No período colonial os africanos da Costa Oeste estavam entre a maioria dos escravizados que chegaram no Brasil e trouxeram com eles saberes tecnológicos e culturais e organizaram formas de perpetuar esses saberes. O símbolo mais propagado é o Sankofa, embora poucas pessoas saibam sua origem e significado. Existe a hipótese que esses símbolos foram esculpidos pelos escravizados africanos como forma de perpetuação da cultura para que seus descendentes não esqueçam suas origens.



O *Sankofa* é um Adinkra, isto é, um ideograma criado pelo povo *Akan*<sup>1</sup>, originário da Costa Oeste da África. Estes Adinkras constituem um sistema de escrita pictográfica, cada símbolo está associado a um provérbio ou ditado específico, enraizado na experiência dos Akan, também em diversas populações africanas. O conjunto desses ideogramas formam um sistema de ideias com o intuito de preservação e transmissão dos valores acumulados, sendo estes meios fundamentais para a educação e a construção social.

A etimologia da palavra Sankofa, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar). Esse movimento propõe o retorno ao passado, voltar às raízes, para trazer de lá a sabedoria necessária para continuar a caminhada. Nessa Afroperspectiva, pretendo buscar uma nova forma de experienciar a realidade, para que através da aprendizagem de voltar o olhar para o passado como forma de refletir novas possibilidades de atuação no presente, ousando pensar alternativas para o futuro.

Assim como Nascimento (2008), proponho o movimento *Sankofa* como possibilidade de (re)conhecer nos saberes ancestrais, potencialidades esquecidas ou silenciadas, que podem colaborar com a continuidade do nosso percurso na Terra, propondo novas possibilidades de ser, existir e agir no mundo enquanto coletividade em busca de formas mais saudáveis de relacionar com os outros seres vivos.

Sankofa é uma expressão na língua Twi, que corresponde ao provérbio Akan “Se wo were fi na wosan kofa a yenkyiri”, que traduzido literalmente, diz que ‘se você esquece algo e volta para pegar, não há nada de errado com isso.’ O princípio do movimento Sankofa nos remete a



<sup>1</sup> Os Akan são um povo da África Ocidental que ocupa os territórios conhecidos hoje como Costa do Marfim e Gana. Hoje existem cerca de 20 milhões de Akans que se subdividem em grupos como Ashanti, Bono, Akwamu, Fante, entre outros. A história dos akan é tradicionalmente ligada ao embate contra o colonialismo europeu.

importância da memória coletiva para a construção da identidade, portanto precisamos ter a humildade de aprender, pois a arrogância de desprezar as tradições e os ensinamentos dos mais velhos pode levar à perda de nossa conexão com o passado e, conseqüentemente, à desorientação no presente, causando desequilíbrio na sociedade e, conseqüentemente a diminuição da força vital.

O idioma Twi (que se pronuncia txuí) é falado por 44% da população de Gana, quase dez milhões de pessoas. É muito semelhante ao Fante, um dos povos Akan. É usado como segunda língua por muitos outros povos além dos Axantes, nas partes Central, Ocidental, Oriental da região Aaxante, no Volta e nas regiões Ahafo Brong. São todas línguas tonais. A língua é rica em provérbios, cujo uso é considerado sinal de sabedoria. Os eufemismos são muito comuns, especialmente sobre eventos conectados com a morte. Ao invés de dizerem que “O rei faleceu” diz que “Uma poderosa árvore caiu”. Provérbios são usados indiretamente, para expressar ideias como essa: "*Obi mfa ne nsa benkum nkyere n'agya amanfo*" cuja tradução literal é: "Não aponte para as ruínas da sua casa paterna com a mão esquerda". Querendo dizer, não faça pouco caso da cultura herdada por seus antepassados.

## A ÁFRICA IMPERIAL

“Outra exigência imperativa é de que a história (e a cultura) da África devem pelo menos ser vistas de dentro, não sendo medidas por régulas de valores estranhos. Mas essas conexões têm que ser analisadas nos termos de trocas mútuas, e influências multilaterais em que algo seja ouvido da contribuição africana para o desenvolvimento da espécie humana”.

( J. Ki-Zerbo,  
História Geral da África, vol. I, p. LII.)

Imagem criação pessoal

Por negarem a existência de uma África para além da escravidão, o ensino eurocentrado convencionou, ao se tratar da África antiga denominar esse período de pré-colonial, com o fim de propagar a ideia de que não existia história e civilizações africanas anteriores ao processo de escravização

Nos últimos 500 anos está em curso um trabalho ideológico-político-econômico de dominação europeia que criou uma fragmentação nos saberes africanos, criando uma alienação física-territorial-mental-emocional e ideológica. Construindo imagens estereotipadas do ser humano africano e uma total ignorância sobre a verdadeira realidade do continente africano. Produzindo imagens de um sujeito e um continente miserável, ignorante, incapaz, entre outras inverdades.

Por séculos, a história da África foi silenciada e suas sociedades foram estereotipadas como 'tribais' e 'primitivas', sendo consideradas incapazes de produzir história. A narrativa dominante

sobre a África a reduziu a um continente sem passado, negando a existência de grandes impérios, reinos e civilizações, construindo uma narrativa eurocêntrica que serviu para legitimar a dominação colonial, negar a riqueza e a complexidade das sociedades africanas e distanciar o africano de si mesmo e da diáspora africana, conseqüentemente.

A construção de uma identidade racial negativa para os africanos, vinculada à escravidão e à colonização, serviu para justificar a dominação europeia e a exploração dos recursos africanos. Essa visão deturpada da história africana perdurou por séculos, dificultando o reconhecimento da complexidade e da riqueza das civilizações africanas. Esse trabalho tem a pretensão de colaborar para uma reparação histórica, através do conhecimento de autores africanos que colaboram para restabelecer, em bases sólidas, a historicidade de suas sociedades.

O olhar eurocêntrico sobre a África, marcado pela busca por riquezas e pela imposição de valores culturais, resultou em uma história fragmentada e distorcida. É preciso reconstruir essa história, dando voz aos povos africanos e valorizando suas contribuições para a humanidade. A descolonização da história da África é um processo fundamental para a construção de uma narrativa mais justa e equitativa sobre o continente, e também sobre a humanidade. Se o ser humano se originou na África, não conhecer a história desse continente é prejudicial para o autoconhecimento de todos os povos em todos os territórios desse planeta. Porque a história da África é a história de toda humanidade.

### **Atividade 6 - Descolonizando o pensamento**

Para começar essa desconstrução de estereótipos, vamos assistir o vídeo da autora nigeriana Chimamanda Adichie sobre os perigos da história única:

<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>

“O problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.”

(Chimamanda Adichie)

A origem do ser humano é na África, e isso já está amplamente comprovado cientificamente. A África é o berço da humanidade, por isso é importante conhecer a verdadeira história africana. O objetivo não é inverter a narrativa colonial, mas sim resgatar as vozes silenciadas e reconstruir a história da África a partir de uma perspectiva africana, valorizando suas diversas culturas e civilizações. A reconstrução histórica deve ser baseada em evidências e em uma abordagem interdisciplinar. A reconstrução da história africana requer uma metodologia que vá além dos documentos escritos produzidos pelos colonizadores.

Iniciamos essa reconstrução lembrando o fato que o nome África, também é uma imposição europeia, e vem do grego *aphrike*, que significa sem frio; em latim, traduz-se para *aprica*, que significa ensolarado. Porém a história sugere que a denominação mais antiga do continente é *Alkebulan* que significa Mãe da Humanidade.

Existe um provérbio do povo Fon, um dos principais grupos étnicos e linguísticos da África Ocidental no sul do Benim e sul do Togo, que diz: **“Quem não sabe para onde vai, deve ao menos saber de onde vem.”** Uma boa pergunta se fazer: De onde viemos? Qual nossa origem, enquanto humanidade nesse planeta?



Fonte da imagem: <https://seara.ufc.br/wp-content/uploads/2019/02/migracoes.jpg>

Analisando o mapa acima é possível constatar que o *Homo Sapiens* teve sua origem na África, mais precisamente na região dos Grandes Lagos, que englobam o território que hoje denominados como Etiópia, Tanzânia, Quênia, República Democrática do Congo, Burundi, Ruanda, Uganda, Zâmbia e Malawi, há aproximadamente 200 mil anos atrás.

Na região dos Grandes Lagos existe um ecossistema favorável para a existência de vida, por estar mais próxima do sol, ter água em abundância e um tipo de solo e biodiversidade abundante, onde se encontra tudo que é essencial para a existência humana. Sendo assim é compreensível que os primeiros homens tenham permanecido apenas dentro do continente africano por mais de 140 mil anos.

No entanto, é da essência humana o desejo de expansão, isso faz com que o ser humano tenha o desejo de se movimentar e procurar novos horizontes, ampliar seus conhecimentos. Através desse deslocamento chegaram na Ásia e na Oceania há aproximadamente 60 mil anos. Passados quase trinta mil anos depois que ele chega à Europa e às Américas. Existe outro provérbio africano que explica essa necessidade do ser humano de se movimentar, que diz: *“É preciso que os pés saiam para que os olhos possam ver.”*

### **Atividade 7 - Para refletir:**

**É possível que o Homo Sapiens tenha vivido 140 mil anos somente no continente africano sem construir história, civilizações, cultura, ...?**

Artefatos arqueológicos podem nos ajudar a responder a essa questão, pois ao estudar os fósseis mais antigos, as ferramentas mais primitivas e o DNA mais diversos, os cientistas conseguem construir uma narrativa mais completa sobre a nossa origem e evolução. Estudos genéticos indicam que todos os seres humanos modernos descendem de uma única mulher africana, conhecida como "Eva mitocondrial". Ainda que a maior diversidade genética é encontrada nas populações africanas, o que sugere que a África foi o local onde a espécie humana se originou e se diversificou por mais tempo. Através da arqueologia foi descoberto na Tanzânia, fósseis do Homo Habilis que é considerado um dos primeiros membros do gênero Homo, e é conhecido por ter fabricado ferramentas de pedra.

Abaixo algumas descobertas comprovam que os seres humanos se originaram na África e começaram a construir civilizações, cultura e tecnologia nesse continente:

### **Artefato de Blombos**

Arqueólogos liderados pelo professor Christopher Henshilwood, encontraram na Caverna de Blombos, na África do Sul, uma pedra com várias figuras geométricas. “O desenho” consiste em várias linhas vermelhas cruzadas em um silcrete, tipo de solo duro formado a partir de areia, cascalho e sílica e, segundo o estudo, provavelmente foi feito com uma espécie de giz de ocre com uma ponte de um a três milímetros de comprimento. "Definitivamente trata-se de um desenho abstrato e temos quase certeza de que tinha algum significado para quem o fez", afirmou Henshilwood em entrevista ao site I Fucking Love Science.” (Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/09/arqueologos-encontram-o-desenho-mais-antigo-do-mundo-em-caverna-africana.html>)

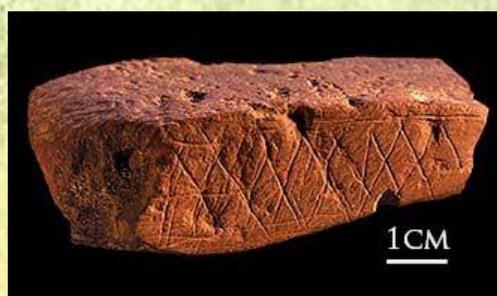


Imagem de Christopher S. Henshilwood

Segundo os estudiosos, esse artefato data de mais de 70 mil anos. O pesquisador e seu grupo realizaram análises químicas e microscópicas que confirmaram que a ilustração foi feita por mãos humanas. "O desenho também é uma evidência da habilidade dos primeiros humanos de armazenar informações fora de seus cérebros."

## Ossos de Lebombo



Em 1970, Caverna Border, nas montanhas Libombos entre África do Sul e Suazilândia, foi encontrado um pedaço da fíbula de um babuíno. Este artefato ficou conhecido como o **Ossos Lebombo**, medindo de 7.7 cm e possuindo 29 entalhes bem definidos, datado de 37 mil anos ou 35 mil anos a.C.

Peter Beaumont, um arqueólogo que fez um extenso trabalho na área, observou que os 7,7 centímetros de osso longo se assemelham a varas do calendário ainda em uso hoje por clãs bosquímanos na Namíbia. Os antigos Bosquímanos usavam para calcular números e medir a passagem do tempo.

O osso Libombos é uma ferramenta de medição de período de seis sugerindo uma visão de mundo binário. É um contador de fase lunar, possivelmente para ajudar as mulheres a manter o controle dos ciclos menstruais, mas é mais provável que ele representa um calendário binário. (Fonte: <https://cenpah.wordpress.com/2013/07/09/o-osso-de-lebombo-mulheres-africanas-as-primeiras-matematicas-do-mundo/>)

## Ossos de Ishango



Imagem Wikidata: Wikimedia Commons

O osso de Ishango, descoberto no “Assentamento de Pescadores” de Ishango, na República Democrática do Congo. Este osso curvo marrom escuro, com aproximadamente 10 centímetros de comprimento, apresenta um pedaço afiado de quartzo afixado em uma extremidade, possivelmente para gravação e exibe uma série de marcas em três colunas, que alguns interpretam como marcas de contagem. No entanto, outros argumentam que essas marcas foram usadas para contar ou realizar procedimentos matemáticos simples. Outra especulação é que as gravuras no osso representam um calendário lunar. Com uma história que remonta a 20.000 anos, o osso de Ishango é considerado uma das ferramentas matemáticas mais antigas conhecidas pela humanidade. (Fonte: <https://www.muvucapopular.com.br/2023/11/30/o-osso-de-ishango-um-enigma-matematico-de-20-000-anos/>)

# IMPÉRIOS E REINOS AFRICANOS

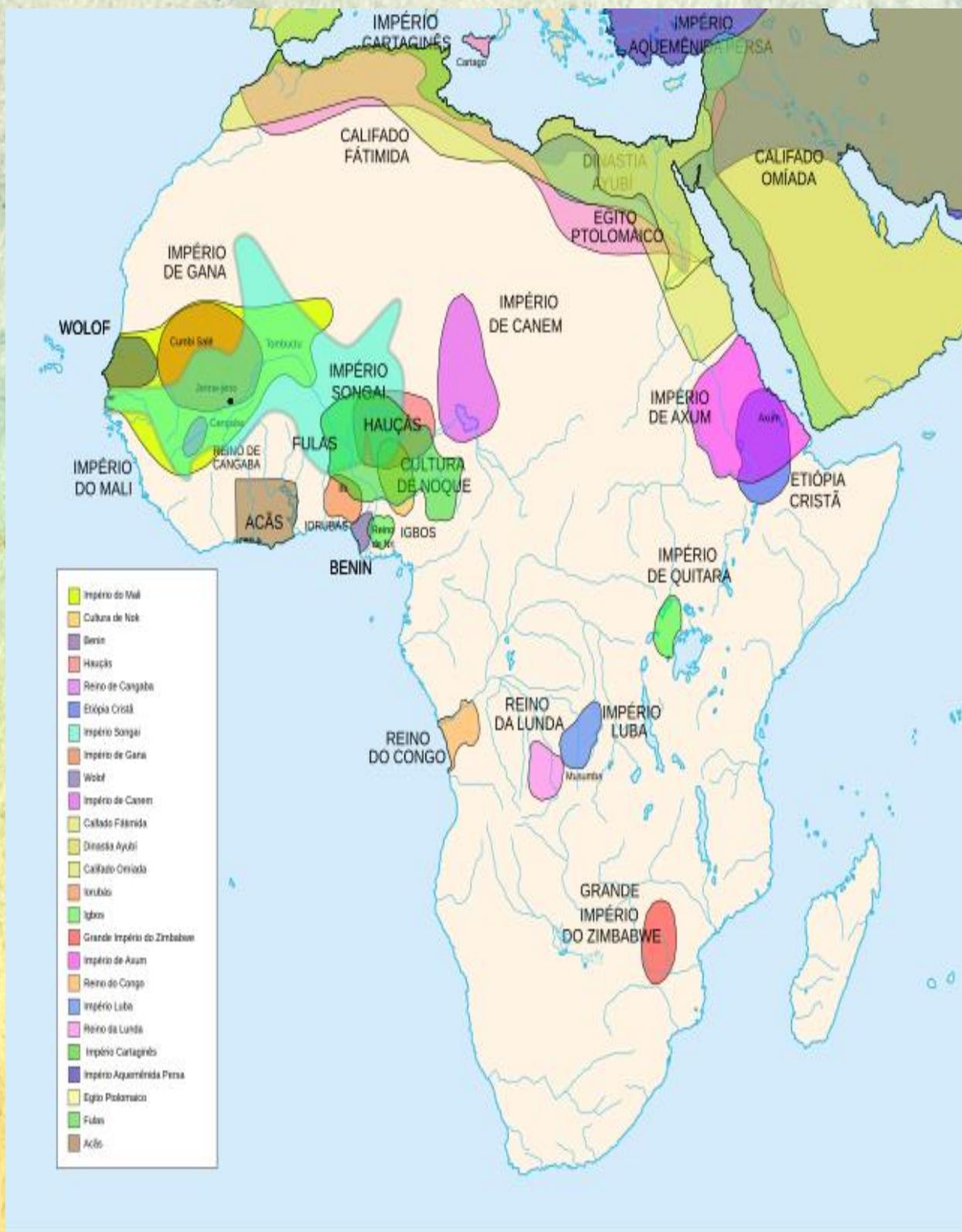


Imagem Creative Commons.Criada por Jeff Israel, traduzido por Bianca Negreiros

## 🌍 Império de Axum



O Reino ou Império de Axum foi um dos mais poderosos da África. Chegou ao seu apogeu no século IV d.C., e neste mesmo século se converteu ao cristianismo. Esse Império se notabilizou por se tornar um reino cristão na África e por fazer grandes edificações religiosas.

A história do reino de Axum está relacionada à das civilizações que se desenvolveram na África, abaixo do Egito. Isto é, nas antigas regiões da Núbia e da Etiópia. Os vestígios deste reino datam do século V a.C., mas seu apogeu se deu por volta de meados do século IV d.C., quando os axumitas (nome que designa os habitantes de Axum) levaram o reino Kush, seu rival, à ruína.

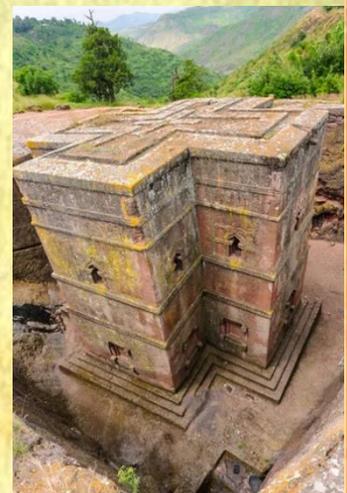
Durante os séculos III e IV, Axum conquistou territórios da Península Arábica, a Etiópia do Norte e parte da antiga Pérsia, tornando-se um dos mais poderosos impérios da passagem da Idade Antiga para a Idade Média. Ainda no século IV, os axumitas destruíram a cidade de Meroé, capital do império Kush, fragmentando então este antigo centro político do sul do Egito. Da derrota de Kush nasceram três reinos diferentes, o Nobatia, o Makuria e o Alodia, que ficaram todos sobre influência de Axum.

Com o vasto território conquistado, o reino de Axum passou a dominar todas as rotas de comércio que passavam pelo sul da Península Arábica e pela Arábia meridional, pela região da Núbia e da Etiópia, que atravessavam o Mar Vermelho. Conseguiu também terras férteis que possibilitaram a agricultura e a pastagem de alguns bovinos. Para administrar e controlar o fluxo comercial desta região, o reino de Axum cunhou sua própria moeda também, chegando a estabelecer trocas comerciais com a Índia e a China.

Um dos acontecimentos mais importantes da história do reino de Axum foi a conversão ao cristianismo do rei Ezana, no século IV, por um monge cristão de origem fenícia, chamado Frumêncio (que depois foi bispo de Axum e considerado santo). Após a conversão do rei Ezana, toda a região da Etiópia e grande parte da região da Núbia receberam forte influência do cristianismo e a maior parte da população também se converteu, tornando Axum um império eminentemente cristão.

Uma das características desta fase é a construção das famosas onze Igrejas, que foram esculpidas em rochas, no solo. Essas Igrejas são consideradas patrimônio histórico da humanidade e fazem parte da tradição da Igreja Ortodoxa Etíope. Além das Igrejas, várias outras construções do reino de Axum são notáveis, tais como obelisco, imensas torres de pedra, tumbas e outros templos na época anterior à conversão ao cristianismo.

O reino de Axum continuou imponente até o século XI d.C., época em que o islamismo já havia se expandido pela Península Arábica e conquistado boa parte do território que os axumitas dominavam.



( <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/o-reino-axum.htm> Escrito por Me. Cláudio Fernandes )



## 🌍 Império de Gana

O Império de Gana, também conhecido como Império Uagadu, foi o nome dado a um antigo estado localizado na África Ocidental, onde hoje temos o sudeste da Mauritânia e o oeste do Mali, e que teve seu apogeu entre os anos de 700 e 1200 da Era Cristã. A capital do estado localizava-se na cidade de Kumbi Saleh, hoje um sítio arqueológico na fronteira entre Mauritânia e Mali, que de acordo com as pesquisas, já era habitado desde o século III. O nome Gana deriva do título atribuído aos seus

soberanos, sendo o termo Uagadu utilizado para o mesmo país, mas pelos habitantes locais, significando "país dos rebanhos".

A mais importante descrição do Império de Gana e comumente citada como fonte testemunhal é o relato do espanhol al-Bakri contida em seu "Kitāb al-Masālik wa-al-Mamālik" (livro das estradas e reinos), escrito por volta de 1068 em Córdoba, e que relatava a grande opulência do monarca local, que controlava uma economia bastante diversa a partir de uma capital rodeada por muros de pedra e que incluía entre as suas riquezas, diversas minas de ouro sob monopólio real. Al-Bakri destaca ainda a produção agrícola desenvolvida, a tecelagem, além do domínio da metalurgia, com a qual se manufacturavam muitos equipamentos, armas e ferramentas. A ideia obtida da leitura da descrição de Al-Bakri permite fazer a imagem do Império de Gana como um imenso oásis protetor na fronteira sul do deserto do Saara, onde sua população rodeava-se de hortas, palmeiras, pepinos e figueiras numa imagem exuberante.

Destacava-se este império negro ainda pelo comércio trans-saariano intenso, onde se utilizou bastante a figura do camelo como meio eficaz de transporte ante o clima rigoroso do deserto, permitindo um comércio até com a Europa e a Ásia. Vários eram os gêneros deste comércio global, entre eles o de escravos, bastante lucrativo.

Na época de seu maior desenvolvimento, o monarca e os seus súditos praticavam uma religião baseada no culto aos ancestrais e manifestações da natureza. Por outro lado, o islamismo fazia-se presente, especialmente entre os habitantes dos subúrbios das grandes cidades.

O declínio do Império de Gana ainda não é totalmente conhecido, sendo que a versão mais popular é a da invasão Almorávida (povos bérberes muçulmanos vindos do atual Marrocos) em 1076. Atualmente, ainda acredita-se que os almorávidas tenham um papel predominante na decadência de Gana, mas hoje também é reconhecido o fato da desagregação deste grande império em vários outros reinos menores e as disputas internas como fatores determinantes em sua extinção. (Escrito por Emerson Santiago. Fonte: <https://www.infoescola.com/historia/imperio-de-gana/> )



Grande Mesquita de Djenné, Mali, construída no século XIII – Temática – História – Reinos e impérios africanos. Disponível em:

<<https://ensinarhistoria.com.br/reino-de-mali/>>.

## Atividade 8 - Para refletir

Pelo que podemos constatar a história africana existe antes da colonização e antes do período escravocrata. Já existiam cidades organizadas, construções arquitetônicas, tecnologia para extração de ouro e outros minérios, transporte, indústria têxtil, artesanato, etc.

Eram perfeitos? Não. Como todo ser humano tem suas qualidades e defeitos, seus avanços e atrasos, enfim, suas limitações humanas.

1. Mas a quem interessava propagar a ideia de um povo africano atrasado, primitivo, sem inteligência e sem história.
2. Alguém tentaria conquistar um lugar pobre, uma terra devastada?

### APRENDENDO COM OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRICANOS

*“A maior riqueza da África não são suas riquezas do solo, mas o próprio Ser Humano africano, com seus valores tradicionais” (Abyola Akande Yaya)*

Os valores civilizatórios africanos são fundamentais para curar o planeta da ganância, da injustiça e do desequilíbrio implantado pelo cosmovisão euro-ocidental. A ocidentalização fez com que enxergássemos uma ameaça em todo canto. O pensamento ocidental é baseado na escassez, no medo de morrer de fome, na necessidade de acumular. Esse medo constante produz transtornos.

O problema da humanidade é que esse pensamento ocidental foi introduzido em todas as partes do mundo como um vírus. E como se trata um vírus? Aumentando seu sistema imunológico. E o sistema imunológico de uma sociedade é sua cultura, sua visão de mundo, seus princípios e valores. Isso quer dizer que a nossa grande força está dentro de nós e que precisamos investir tempo no autoconhecimento.

As formas de organização social surgem fundamentalmente das condições de vida concreta dos povos. O modelo de sociedade euro-ocidental, devido ao seu caráter nômade implicava a subvalorização da mulher, das crianças e dos idosos, pois estes representavam empecilhos à mobilidade, pesos a serem carregados. Por isso esse modelo social é baseado na lógica patriarcal. O patriarcado representa um sistema social e cultural em que o poder e a alteridade se concentram e privilegiam homens. Essa estrutura hierarquizada é secular e influencia comportamentos, expectativas e papéis atribuídos aos gêneros, perpetuando desigualdades. No patriarcado, a figura masculina é o centro de poder na política, da vida social, econômica e cultural em detrimento da mulher”, resume a doutora em ciências sociais e pesquisadora de relações de gênero.

A doutora em História e coordenadora do grupo de pesquisa de gênero, trabalho e políticas públicas da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Isabela Candeloro Campoi, explica que o termo tem origem nas palavras gregas pater (pai) e arkhe, (comando). “A expressão se refere a uma forma de organização familiar e social em que o homem, o patriarca, comanda e submete os demais membros da família, exercendo seu poder de forma arbitrária e sem questionamentos”, explica. “Por conta disso, uma sociedade identificada como patriarcal é opressora e busca calar quem está submetido ao poder do patriarca, ou seja, do homem.

Ao longo do tempo, essa concepção do homem como a figura detentora de autoridade, poder político e econômico foi assimilada pelas sociedades ocidentais cristãs, chegando ao Brasil durante a colonização. O patriarcado se manifesta na nossa sociedade pelo sexismo, que é a discriminação por gênero ou orientação sexual; pela misoginia que é o sentimento de ódio, aversão ou desprezo pelos valores femininos; o racismo e o machismo, entendido como o comportamento, preconceito, opiniões e atitudes que rejeitam o critério da igualdade. O patriarcado também se manifesta predominantemente na violência. Ela é usada para dominar e manter essa relação de poder estrutural, seja de forma física, psicológica, patrimonial, simbólica, entre outras. (adaptação do texto de Leonardo do Valle. (Baseada no texto: <https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/reportagens/o-que-e-patriarcado/>)

Enquanto as sociedades africanas tradicionais construíram uma forma de organização matrilinear, pois eram civilizações agrárias onde a mulher desempenhava uma função central. Sua atividade no cultivo, no preparo dos alimentos, no cuidado com as crianças e mais velhos eram fundamentais para a manutenção da comunidade. Enquanto os homens se ocupavam de caçar, pescar e guerrear, funções perigosas e, por vezes prejudiciais à harmonia da comunidade.

Assim, as sociedades matrilineares foram traçadas através da linha feminina e não da linha masculina. Matrilinearidade é uma classificação ou organização de um povo, grupo populacional, família, clã ou linhagem em que a descendência é contada em linha materna. É um conceito importante em paleoantropologia, no estudo da evolução da espécie humana, assim como na de outros mamíferos, pela análise do DNA mitocondrial, isto é, que é herdado exclusivamente da mãe.

A organização de uma família matrilinear leva em conta a descendência pela linha materna. O papel de liderança e poder é exercido pela mulher e especialmente pelas mães de uma comunidade, homens se tornam líderes apenas quando herdam o cargo de suas mães ou irmãs. Nesse tipo de organização é o homem que deixa sua casa e seus laços familiares e vai morar com a família da esposa, adequar-se a seu estilo de vida.

Além da função social, o que justifica a matrilinearidade, para os africanos tradicionais é também o fato de que é a mulher que recebeu do Ser Supremo o dom de dar luz à uma nova vida. O homem não gera vida, ele apenas doa a semente. Por isso a energia do homem, segundo essa visão, é limitada, finita, baseada no sentido material. Enquanto a energia feminina, ligada diretamente à energia cósmica é potente, pois se multiplica, além de ser espiritualizada, por ser a ponte entre Deus e o ser humano.

Embora sejam energias distintas, elas são complementares, pois para gerar a vida é necessário a união das duas. Por isso não existiu um sistema oposto ao patriarcado, nas sociedades africanas tradicionais. Pois o matriarcado seria um sistema onde a mulher exerceria o domínio sobre o homem, o que na cosmologia ancestral é contraproducente, pois cada ser humano é um ser espiritual com energias distintas, mas que juntas são potenciadoras de vida.

Assim, não faz sentido falar em seres inferiores nem superiores, simplesmente diferentes. Para que a vida exista ou a energia exista é necessária a junção entre o masculino e o feminino. Assim, para que haja equilíbrio no cosmos coexistem o positivo e o negativo, para que se encontre a harmonia é necessário passar pela experiência da ordem e da desordem. Todos esses polos que parecem opostos, são apenas complementares e precisam ser aceitos, entendidos e valorizados, pois tudo serve a um propósito.

A aceitação da diversidade é outra característica marcante das sociedades baseadas num sistema de organização matrilinear. Pois é baseado na observação e na proximidade com a natureza e o ecossistema é diverso, rico e abundante. Pela experiência da abundância da natureza de onde se tira tudo para a sobrevivência, nasce a relação de respeito e reciprocidade. Assim, essas sociedades marcadas pelo olhar matrilinear enxerga e valoriza o divino em tudo que existe.

O que rege as sociedades baseadas na matrilinearidade é a ética. A ética é um conjunto de princípios e valores que orientam a conduta de uma pessoa, de um grupo ou de uma sociedade. Estabelecendo padrões de conduta e julgando o que é moralmente certo ou errado em diversas situações. Ser ético significa agir bem, buscando fazer o certo, não se desvirtuando e não causando prejuízo a outrem. A cultura da África é matrifocal, matrigestora, matricentralizadora. E esse “matri”, vem de mãe, mas também de Mâat, a deusa da Justiça, da ordem e da ética.



Hieróglifo representativo da deusa Mâat  
Fonte:  
<https://hav120151.wordpress.com/wp->



A deusa  
Mâat

- O princípio da Verdade e da Justiça
- A ordem universal
- o paradigma do conhecimento
- A norma cognitiva
- A lei que harmoniza o mundo

Mâat é representado pela imagem de uma deusa usando uma pena de avestruz em sua cabeça. Ela é um paradigma ético, responsável pela ordem, pela justiça e pela verdade. A sociedade tradicional africana pensava a partir de um princípio cósmico, de uma terra, que se entende coletivamente, dentro desse princípio há um comprometimento integral com o outro e uma responsabilidade coletiva, base da construção de uma organização social na qual o ser humano precisa estar em harmonia com o cosmos.

Nesse contexto, é construído um conjunto de regras e orientações para a vida e um modelo ético que estabelece os valores civilizatórios africanos, que parte do pressuposto de uma vida plena, numa perspectiva coletiva. Podemos entender mais profundamente esse modo de ser e existir através do conhecimento da Filosofia Ubuntu.

### **Atividade 9 - Para saber mais**

Para entender o princípio fundamental da Filosofia Ubuntu assista o vídeo a seguir:

<https://www.youtube.com/watch?v=J0qHmLhzlXQ>

Escreva um texto sobre o que você entendeu sobre a filosofia Ubuntu e quais as principais diferenças encontradas na sociedade atual?

#### **1. Valor civilizatório primordial: a Ancestralidade**

A noção de nossa ancestralidade faz com que possamos reconhecer a importância da memória coletiva para a construção da identidade, além de ter a humildade de aprender, pois a arrogância de desprezar as tradições e os ensinamentos dos mais velhos pode levar à perda de nossa conexão com o passado e, conseqüentemente, à desorientação no presente, causando desequilíbrio na sociedade.

Em sociedades onde a tradição oral é a principal forma de transmissão cultural, a escuta atenta aos mais velhos e o respeito às lições do passado são cruciais para a preservação da identidade e dos valores comunitários. Os mais velhos são reverenciados por serem os guardiões de lições importantes para vida, através das histórias que eles carregam consigo. Essas histórias são transmitidas através da arte, das histórias, dos provérbios, dos mitos e da música, preservando um conhecimento valioso que deve ser transmitido às futuras gerações.

A busca pelo autoconhecimento e o reconhecimento dos valores civilizatórios africanos, promove o fortalecimento da identidade, enquanto pertencimento a um povo que demonstraram força moral, senso de justiça, coragem, dignidade, honradez, respeito aos ancestrais, enfim uma série de princípios éticos que proporcionaram um futuro mais digno para seus descendentes.



Para compreender a ancestralidade, precisamos primeiramente aprofundar na cosmologia africana, em relação a noção de tempo. O tempo africano não é linear como aprendemos, através da visão ocidental, onde o futuro a meta a ser atingida. Somos desde pequenos acostumados a ouvir frases como: ‘você tem que estudar para ser alguém no futuro’, ‘o que você quer ser quando crescer’, ‘tem que economizar’, etc. Trazendo a ideia de que você tem que se esforçar hoje para ter um futuro garantido.

Para os saberes tradicionais africanos o tempo é cíclico, isto quer dizer, que o passado não é deixado para trás e vamos sempre em direção ao futuro. Pelo contrário, o passado é o ponto principal da nossa vida presente. O futuro não é tão importante. Viver bem o presente e contribuir para que a comunidade esteja em harmonia é o objetivo e para isso é necessário buscar no passado, nos ancestrais os saberes essenciais.

A ancestralidade, nessa perspectiva, é tudo que implica a vida e desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva. Ao estabelecer uma conexão com as gerações passadas, o indivíduo encontra um sentido de pertencimento e legitimação histórica, o que contribui para a formação de uma autoestima fortalecida e de uma consciência crítica sobre a própria trajetória

Compreender a ancestralidade africana constitui um eixo fundamental para a formação de professores comprometidos com a educação decolonial. Ao entrar em contato com a ancestralidade, os educadores podem desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural. A investigação das raízes históricas e culturais permite aos professores descolonizarem seus próprios saberes e promoverem um diálogo intercultural em sala de aula.

A ancestralidade é um conceito fundamentalmente africano. Os indo-europeus, na sua origem, eram nômades, devido à escassez natural dos seus continentes, eles não se fixavam em um local. Para sobreviver precisavam viver em constante mudança e disputa para buscar alimentos, água e melhores condições climáticas, por exemplo. Para facilitar suas vidas, quando alguém morria eles queimavam os mortos e jogavam as cinzas em algum lugar. O que leva a crer que eles não construíram a noção de Deus e nem da possibilidade de vida após a morte, portanto a ancestralidade não era um valor a ser cultivado.

Ao contrário, os africanos, por encontrarem em um território de abundância, visto que a região da África Subsaariana é rica em recursos naturais eles desenvolveram uma forma de vida sedentária e estabeleceram um vínculo e uma relação de interdependência com a natureza. Devido a isso eles se tornaram exímios observadores dos fenômenos da natureza e através dessa atitude perceberam o ciclo da vida e sua constante reconstrução, elaborando a ideia de vida após a morte, por isso criaram rituais para sepultamento de seus mortos, para honrar a memória destes.

A história que nos contaram é de que os povos africanos são animistas e não acreditavam em Deus, o que é uma grande inverdade, pois segundo a cosmopercepção africana existe um Ancestral Primordial, aquele que tudo que criou: O Criador Supremo ou o Ser Supremo, que criou primeiramente os elementos essenciais para possibilitar a vida, são eles: a água, a terra, o fogo e o ar, que são considerados os ancestrais essenciais. Segundo os saberes africanos, o ser humano foi criado para cuidar de tudo que existe para que a vida possa ter continuidade.

Precisamos primeiramente, fazer um esforço para compreender que nosso olhar para o mundo é ocidentalizado e eurocentrado, portanto compartimentado e carregado de preconceitos e visões estereotipados sobre o outro, pois busca a homogeneização, permeados pela concepção de uma raiz única:

“A raiz única é aquela que mata à sua volta, enquanto a raiz rizoma é a raiz que vai ao encontro de outras raízes.” (GLISSANT, 2005, p. 71)

Portanto, o processo de conhecimento do outro, que Glissant define como a poética da relação, perpassa por um caminho de desconstrução de verdades absolutas e de reconhecer a diversidade que é a característica fundamental de tudo que nos cerca, inclusive no nosso próprio corpo, pois nem mesmo os dedos de uma mão são iguais. Como diz o provérbio ganês: “*Nsatea nyinaa nnye pe*” que tem o significado literal: “**Todos os dedos não são iguais.**”

## 2. O corpo, os ritos, os mitos, a tradição oral e a espiritualidade

Outra forma diferente de ser e ver o mundo é a percepção do corpo. O colonizador trouxe visões de mundo de uma moral cristã e um cientificismo que separa o corpo da mente, onde a nudez é considerada um pecado e ao mesmo tempo um sinal de primitivismo ou depravação. Do ponto de vista antropológico representa a crença na superioridade da cultura eurocêntrica.

Nesse sentido, ao chegarem em terras pindorâmicas, os colonizadores consideraram a nudez indígena como uma ofensa a Deus e uma demonstração de depravação moral, usando esse fato como pretexto para justificar a inferioridade em relação à cultura europeia e a urgência de civilizá-los. O corpo, pela cosmovisão ocidental, é visto como uma espécie de prisão que impede o acesso à verdadeira razão. Aqueles que estão mais conectados ao seu corpo são considerados menos racionais e, portanto, menos capazes de pensar de forma crítica e autônoma.

Ao mesmo tempo que provocava repulsa, a nudez indígena, assim como posteriormente o contorno corporal das africanas, foram objeto de desejo e exploração sexual por parte dos colonizadores. Muitas mulheres indígenas e africanas foram violentadas e seus corpos foram objeto de fetichização e erotismo. Os homens também passaram por esse processo, o que acarretou o surgimento de vários estereótipos, gerando sentimentos de vergonha e inferioridade entre os povos originários e afrodiáspóricos, que passaram a associar sua própria cultura a conceitos negativos como "selvageria" e "barbárie".

A cosmovisão dos colonizadores europeus sobre o corpo dos povos indígenas não foi apenas uma expressão de preconceito, mas também um reflexo do cientificismo da época. A ideia cartesiana de que a razão e a ciência europeias eram superiores a qualquer outra forma de conhecimento levou os colonizadores a classificarem os povos indígenas como 'primitivos' e 'inferiores'. Essa visão justificou a imposição de uma cultura e de uma religião consideradas 'civilizadas'.



O corpo africano, através dos valores civilizatórios nos quais tinham sido iniciados de acordo com suas tradições, vieram plenos de palavras, danças, músicas, rituais, enfim de expressões e força espiritual e moral que os ajudaram a suportar as adversidades e contribuíram para os tornar capazes de reinventar a própria história. Conhecer o processo de iniciação dos africanos pode nos apontar os caminhos que fizeram com que eles tivessem tanta resistência, resiliência e capacidade de adaptação e superação das adversidades.

Os ritos de iniciação fazem parte da maneira de educação comunitária das sociedades africanas, sendo um processo de construção coletiva da identidade, onde os mais velhos transmitem aos mais novos os valores, conhecimentos e práticas que definem o grupo. Estes ritos estão contidos nos princípios básicos do provérbio africano, que diz: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.”

A iniciação é um conjunto de cerimônias pelo qual o adolescente ou criança passa por uma série de provas e momentos de aprendizagens necessárias para que seja considerado apto a fazer parte da sociedade consciente dos seus deveres e dos seus direitos e, também demonstrando sua força, coragem, determinação para contribuir para o crescimento da comunidade. Essa transmissão contínua de saberes garante a preservação da cultura e fortalece os laços comunitários, preparando os indivíduos para enfrentar os desafios do mundo.

O objetivo principal dos ritos de iniciação é marcar a passagem da infância para a idade adulta. Esses rituais cumprem um papel fundamental na educação tradicional, pois ao mesmo tempo que fortalecem os laços comunitários e reforçam a identidade grupal, ensinam os indivíduos, tanto no nível físico quanto psicológico, valores e normas, moldando a consciência individual e coletiva. Dizendo de uma forma mais simplificada ainda, eles não deixam margens para que as crianças e os adolescentes tenham dúvida sobre o que se espera deles na vida em sociedade, pois na iniciação são transmitidos os conhecimentos necessários.

Os ritos de iniciação complementam a educação familiar e comunitária, oferecendo aos jovens experiência de aprendizagem sobre a vida social, os valores culturais e as tradições de seu povo. Através desses rituais, as crianças e adolescentes são introduzidos de um jeito bem prático aos costumes e às expectativas de sua comunidade. Portanto, é um processo educativo que vai além da mera transmissão de informações, submetendo os iniciados às experiências que moldam suas identidades, valores e comportamentos.

Os rituais possuem uma importância fundamental nas tradições africanas, permeando todos os aspectos da vida, desde o nascimento até a morte. Eles não podem ser considerados como simples cerimônias, pois são processos para conhecimento de si, dos outros e dos cosmos e com os ancestrais, para aprender a se relacionar com tudo que existe. Preservando a memória coletiva e a identidade cultural, além de reforçar os laços sociais, definindo papéis e hierarquias, e contribuindo para a coesão da comunidade.

Os mitos, em sua essência, são histórias que explicam a origem de um povo, de suas tradições e de seu lugar no mundo, oferecendo uma narrativa fundadora, um ponto de partida para a construção da identidade coletiva. Além disso, transmitem valores e princípios necessários para a vivência em grupo e servem como um código ético de conduta que visam disseminar a harmonia e o bem estar da comunidade.

Mito é preservação e criação de memória, tendo a capacidade de ser uma narrativa sempre no presente, porém evada da experiência dos antepassados, ou seja, é através dos mitos que os antepassados vivem. Então, o rito e o corpo atualizam no agora, as experiências dos antepassados, criando um elo indissociável entre vivos e mortos. A cultura africana é uma cultura que venceu a morte, e o corpo literário dos mitos é o corpo mais visível desse acontecimento extraordinário. (OLIVEIRA, 2021, p. 190)

Geralmente os mitos africanos envolvem situações de conflitos e disputas, mas que encontram resoluções. É uma de forma a ensinar algo sobre a natureza, a constituição e o funcionamento das sociedades. Suas simbologias tem o valor pedagógico de facilitar a memorização e a transmissão, além de estimular os sentidos, através do uso de instrumentos artísticos para sua apresentação, como: dramatizações, fábulas, música, dança, artesanato, etc.

O mito, para os africanos e seus descendentes, não é apenas uma narrativa, mas uma vivência. Ele se inscreve nos corpos, nos gestos, nas emoções, moldando a forma como percebem o mundo e se relacionam com ele e serve como uma maneira poética de conhecer as complexidades da realidade, explicando fenômenos naturais, sociais e espirituais.

Devido a nossa educação eurocentrada, tanto os rituais quanto os mitos africanos são folclorizados e estereotipados, tornando-se um objeto com pouca ou nenhuma relevância e contribuição para o patrimônio cultural acumulado da humanidade. O que é um grande equívoco, pois estes são a base de uma educação muito bem fundamentada, disciplinada e capaz de desenvolver habilidades cognitivas e socioemocionais essenciais para a vida em sociedade.

Apesar das tentativas de apagamento cultural durante a escravização, os mitos sobreviveram e se adaptaram às novas realidades, tornando-se um espaço de resistência e afirmação da cultura dos africanos na diáspora brasileira. Os mitos conquistaram um espaço significativo na organização da sociedade devido à forte tradição oral dos africanos.

A tradição oral é o berço da cultura africana, é através dela que os mais velhos e iniciados ensinam aos mais novos, moldando a alma e o espírito de seus povos através de narrativas que transcendem o tempo e o espaço. Através da oralidade, os africanos construíram uma visão de mundo única, onde o indivíduo se conecta à comunidade e à natureza, conduzindo o ser humano à sua totalidade.

Enquanto dom divino, a fala é tratada com profundo respeito nas tradições africanas. A palavra é vista como uma ferramenta poderosa, capaz de tanto construir quanto destruir. Por isso, os africanos acreditam que cada palavra proferida carrega consigo uma responsabilidade, pois ela pode influenciar não apenas na vida do indivíduo, mas na harmonia ou desarmonia da comunidade e do próprio cosmos. A fala, portanto, é um ato sagrado que exige consciência e cuidado.

Devido a força que a palavra tem na tradição africana, a mentira é considerada como uma falta grave, pois a pessoa que mente escolhe se afastar do divino que existe dentro de si, ela afronta o poder criador e provoca a ruptura com o sagrado. “Na África tradicional, aquele que falta à palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Ele se separa de si mesmo e da sociedade.” (HAMPATÉ-BÂ, 2010, p. 174)

Nas sociedades orais, a identidade individual e coletiva está intrinsecamente ligada à palavra. A fala não é apenas um meio de comunicação, mas uma forma de construir e fortalecer os laços sociais. A verdade é vista como o alicerce da confiança mútua e da coesão social. A mentira, por sua vez, é percebida como uma força corrosiva, pois ao mentir, o indivíduo não apenas fere a confiança dos outros, mas também se isola da comunidade.

A palavra é força criadora e transformadora do mundo, não se limita à expressão e à comunicação, ela é uma ação concreta que molda a realidade e interage com o mundo espiritual. Porque, segundo a tradição africana, ela é a manifestação da nossa essência espiritual, conectando-nos ao Cosmos e ao Ser Supremo. Em suma, a palavra, para os africanos, é mais que um som: é uma força criadora, um instrumento de poder e um elo vital com o Ser Supremo. Na tradição oral africana, ela é a guardiã da memória coletiva, o fio condutor que une o passado ao presente e garante a continuidade da cultura, revelando a nossa capacidade de criar, transformar e conectar-nos com o mundo e com nós mesmos.

*Em todas as culturas africanas, a palavra é a força unificadora que mantém viva a tradição e fortalece os laços comunitários. O respeito pela palavra é um reflexo da crença em sua natureza sagrada, que a vincula à ancestralidade e ao mundo espiritual. Nessa perspectiva, a vida é percebida como um fluxo contínuo de energia, onde todas as coisas estão interligadas.*

A espiritualidade africana busca a harmonia nesse fluxo cósmico, através de práticas e rituais que visam equilibrar as forças da natureza. Assim, a espiritualidade não pode ser confundida com uma crença ou uma superstição, mas como um modo de vida onde as ações e escolhas de cada indivíduo impactam diretamente no equilíbrio cósmico. Estando presente em todos os seres e em todas as coisas, a espiritualidade é imanente, ou seja, faz parte da própria natureza humana.

Ao mesmo tempo, ela transcende o indivíduo, conectando-o a uma força superior. O templo onde se cultiva a espiritualidade é na comunidade. E o conceito de comunidade é muito mais amplo do que a simples soma de indivíduos, é um organismo vivo onde cada membro contribui para o bem comum. Nessa perspectiva, ela é uma força que une e fortalece os laços comunitários.

Assim a vivência espiritual das comunidades africanas tradicionais é uma experiência coletiva que transcende o individual e está interligada a todos os outros aspectos da vida. Essas são sociedades que nutrem um profundo respeito pela natureza, pois entendem que os elementos naturais são fonte de vida, é de onde retira o alimento, os remédios, as vestimentas, enfim, tudo que é necessário para a manutenção da vida. Nesse sentido, a natureza é considerada sagrada, como

diz num provérbio africano: “*Kosi ewé, kosi orisá*”, que traduzindo diz que “*Sem a natureza não há divindades.*”

Outro valor fundamental da espiritualidade africana é o da alegria. Ser grato pela vida que o Ser Supremo te concedeu e honrar essa existência é experienciar o gozo, viver com leveza e expressar a vibração da vida através da música, da dança, do canto, etc. “Um corpo que vibra ao som do tambor é um corpo que deixa seu coração se expressar, é um corpo que honra a vida.” (Abyola Akandé Yaya<sup>2</sup>). Buscar a felicidade, portanto, é um propósito de vida, ficar bem, aproveitar a vida, colaborar para a felicidade do outro é valorizar a vida que o Ser Supremo nos concedeu.

## 1. A diáspora africana no Brasil: criatividade e resistência

Todo mundo veio de algum lugar e vai para algum lugar; nós não estamos desconectados de lugar, origem ou experiências. Muitos de nós, somos descendentes dos africanos da diáspora. O termo *diáspora* tem a ver com dispersão e refere-se ao deslocamento, forçado ou não, de um povo pelo mundo. Foi largamente utilizado para nomear os processos de ‘dispersão’ dos judeus entre os séculos 6 a.C (cativo na Babilônia) e o século XX (perseguições na Europa). Além da diáspora judaica, outros processos diaspóricos são importantes para a compreensão das relações históricas e sociais entre os povos ao longo do tempo. Nesse sentido, é importante para nós, enquanto brasileiros e latino-americanos, destacar a *diáspora africana*.

A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados. Junto com seres humanos, nestes fluxos forçados, embarcavam nos *tumbeiros* (navios negreiros) modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política que acabaram por influenciar na construção das sociedades às quais os africanos escravizados tiveram como destino. Estima-se que durante todo período do tráfico negreiro, aproximadamente 11 milhões de africanos foram transportados para as Américas, dos quais, em torno de 5 milhões tiveram como destino o Brasil.



<sup>2</sup> Frase dita pelo autor no curso Kú Àbò, realizado no dia 05 de outubro de 2024 pela plataforma Youtube.

Compreende-se que a diáspora africana foi um processo que envolveu migração forçada, mas também redefinição identitária, uma vez que estes povos (*balantas, manjacos, bijagós, mandingas, jejes, haussás, iorubas*), provenientes do que hoje são Angola, Benin, Senegal, Nigéria, Moçambique, entre outros, apesar do contexto de escravidão, reinventaram práticas e construíram novas formas de viver, possibilitando a existência de sociedades afrodiaspóricas como Brasil, Estados Unidos, Cuba, Colômbia, Equador, Jamaica, Haiti, Honduras, Porto Rico, República Dominicana, Bahamas, entre outras.

Ao embarcar nos navios negreiros, jejes, iorubas e tantos outros, eram obrigados a deixar para trás sua história, costumes, religiosidade e suas formas próprias de identificação. Passavam, então, a ser identificados pelos traficantes com base nos portos de embarque, nas regiões de procedência ou por identificações feitas pelos traficantes. Neste contexto, na diáspora, novas configurações identitárias iam surgindo: bantus (povos provenientes do centro-sul do continente), nagôs (povos de língua ioruba), minas (provenientes da Costa da Mina). Além destes, crioulos (escravizados nascidos na América) e, em um contexto de fim da escravatura, afrodescendentes.

A diáspora, neste sentido, constituiu um processo violento que envolveu a promoção de guerras em África e a destruição de sociedades; captura de homens, mulheres e crianças; travessia do atlântico que durava em média 40 dias (entre Angola e Bahia, por exemplo); a inserção brutal em uma nova sociedade; lutas por liberdade e sobrevivência e a construção de novas identidades. As sociedades construídas com base no processo de diáspora africana, apesar das marcas estruturais decorrentes do passado escravocrata, conectam-se social e culturalmente, seja por meio da história e deste passado comum, das manifestações artísticas, da ciência, da religiosidade, da *black music*, do *jazz*, do *soul*, do *reggae*, do *samba*. (Fonte: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/diaspora-africana-voce-sabe-o-que-e>)

Para a diáspora africana vítima do tráfico humano, o corpo tornou-se um arquivo vivo da memória ancestral, uma biblioteca encarnada, onde apesar de toda espécie de degradação física e moral que sofreram, eles preservaram a memória dos ensinamentos ancestrais. Além de também ter se tornado ferramenta de luta e resistência. Através da sabedoria ancestral e domínio criativo do próprio corpo, os escravizados que eram proibidos de praticar seus cultos e rituais, criaram movimentos de resistência e combate, disfarçando-os com música e dança, criando assim a capoeira.

A capoeira, no movimento da ginga, sintetiza a cosmopercepção africana encarnando uma identidade corporal e revelando a expressão de um acervo cultural que demonstra a sabedoria dos povos que a criaram. Através do “eterno movimento de entrega e de esquiva, de revolução e assimilação de confiança e deboche que marcam as relações do negro na sociedade brasileira desde o Brasil Colônia” (OLIVEIRA, 2005, p. 204), demonstram o papel estruturante dessa cosmopercepção para a resistência dos africanos escravizados.

A capoeira, como expressão cultural de matriz africana, transcende a mera prática corporal, constituindo-se em um sistema filosófico e cosmológico que resiste às imposições da colonialidade. Através da ginga, a capoeira articula corpo, espírito e ancestralidade, oferecendo uma cosmopercepção que valoriza a circularidade, a flexibilidade e a interconexão entre os seres humanos e a natureza.

O movimento em espiral, baseado no princípio circular adotado nas práticas da tradição africana, é um princípio basilar da afrocentricidade expressando a importância das relações horizontais. O círculo simboliza a inclusão e a interdependência, pois ao integrar todos os seus elementos em uma unidade, cada integrante se torna parte de um todo dinâmico.

Esse princípio da comunidade e espiritualidade é melhor exemplificado dentro das religiões de matrizes africanas, como Umbanda e Candomblé, por exemplo, onde além da crença em um Ser Superior Criador de todas as coisas, existe o culto a várias divindades que são pluripotentes, pluricientes, pluripresentes, materializados através dos elementos da natureza. As relações nos terreiros são horizontalizadas, são comunidades heterogêneas e, os seus sacerdotes podem ser tanto homens quanto mulheres.

As manifestações culturais são organizadas geralmente em estruturas circulares, com participação de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. Os princípios filosóficos são comunitários e de compartilhamento de saberes, além de serem momentos de confraternização e festejos, como exemplo: a capoeira, a congada, a pamonhada, etc.

O conhecimento dos valores civilizatórios africanos nos possibilita compreender quais as bases de formação os africanos em diáspora tiveram, que estimularam suas ações de resistência, resiliência, inteligência e garantiram tornar realidade a utopia de liberdade e da prosperidade. Digo utopia, pois é exatamente isso que a liberdade para os escravizados significava no período do tráfico humano. Embora parecesse impossível, um sonho irrealizável, eles construíram vários movimentos de luta mesmo dentro do sistema opressor

### **Atividade 10 - A CARTA**

**Escreva uma carta para os seus ancestrais africanos e/ou indígenas falando sobre o que você aprendeu sobre eles e o que esse saber mudou na sua visão sobre si mesmo.**

## Módulo 4



## EDUCAÇÃO DECOLONIAL: AÇÕES PEDAGÓGICAS ESSENCIAIS

Iniciamos com uma constatação essencial: nós professores ou futuros professores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais precisamos entender que as crianças aprendem brincando. O brincar deve ganhar um status de ação que deve ser reverenciada. A brincadeira é a antítese da repressão, é a expressão da liberdade que fomenta paciência e alegria, pois é através dela que as crianças vão construir sua identidade e se fortalecer para se libertar da carga colonial presente na nossa sociedade.

Além disso, é fundamental compreender que a educação deve ensinar a valorizar a diversidade da natureza da qual somos parte. Os professores da educação infantil e dos anos iniciais tem um papel fundamental na formação de cidadãos mais justos e equitativos.

Imagine uma história, bastante comum na educação, de alguém que estaria hoje com sessenta anos:

*“Quando eu era pequeno, morava em uma casa pequena, de uma cidade muito pequena. Meu mundo era pequeno e eu estava feliz e tranquilo, pois ele se parecia muito comigo. O mundo tinha meu jeito de ser. Meus colegas gostavam das mesmas brincadeiras que eu: caçar passarinho, nadar no 2 rio, jogar bola, empinar papagaio e roubar laranjas... Estudávamos na mesma escola, íamos à mesma igreja bem no centro da cidade e nossos pais sempre se encontravam na praça ou nas quermesses. Eu sabia quase tudo sobre o (meu) mundo, não havia grandes surpresas; em tudo havia um movimento suave e previsível como as estações do ano. Todo ano havia as mesmas festas na igreja e os trens da estação sempre chegavam e partiam, assim como os dias e as noites. A rotina era natural, vontade de Deus e, portanto, o bem. O que fugia da normalidade era o mal: as brigas dos adultos, a farrá dos bêbados e até o carnaval... cruz credo! Neste mundo a educação era muito preocupada com os valores. Em casa meus pais sempre me aconselhavam, quando eu saía pra a rua: “Meu filho, respeite seus semelhantes (meus amigos)”. Na escola a professora reforçava: “Meninos, aprendam a conviver com seus semelhantes (meus colegas)”. Por fim, na Igreja, o padre, pronunciava com gravidade o grande mandamento: “Ame o próximo, como a ti mesmo”. Estava tudo perfeito. Quem estava ‘próximo’ de mim eram meus pais, meus irmãos e meus amigos – todos muito semelhantes a mim. Então, eu amava sempre o meu semelhante. Este era meu mundo. Eu sabia, é claro, que existiam outros lugares, cidades e países longínquos para onde partiam os trens da estação. Porém, eu pensava: se os lugares fossem bons como o meu, certamente seria bastante parecido com o meu. Eu e o mundo tínhamos uma grande identidade.”*

Essa história dificilmente se repete nas crianças e adolescentes de hoje. Qualquer um que tenha acesso à Internet e curiosidade sobre o mundo em que vive, poderá constatar a grande diversidade e desigualdade social entre nações, povos e grupos humanos.

(Fonte: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155243/3/unesp-nead\\_reei1\\_ee\\_d01\\_s02\\_texto01.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155243/3/unesp-nead_reei1_ee_d01_s02_texto01.pdf))

Outra consideração importantíssima é o racismo estrutural existente na sociedade. Muitos relatos de pessoas negras constataam que é na escola que as crianças vivenciam experiências dolorosas de discriminação e preconceito racial. Pesquisas indicam que a maioria dos professores não sabem agir quando presenciam situações de racismo, em outras ocasiões nem ao menos se atentam para a questão. Agora imagina, se para uma pessoa adulta é difícil lidar com situação de racismo, pois este causa grande sofrimento e revolta, o que dizer de uma criança negra de 0 a 8 anos de idade.

O silêncio dos adultos ou a omissão dos professores é um fator que acarreta um sofrimento dobrado, pois a criança, na maioria das vezes, ainda não acumulou experiências e aprendizados suficientes pra saber como agir nessas situações. Na maioria das vezes elas ficam acuadas, envergonhadas, inibidas. A criança pode não saber expressar oralmente a discriminação, mas ela sente, sofre, seu corpo fica marcado, principalmente se houver a omissão, o silêncio conivente e a falta de acolhida do adulto que ela tem como referência no momento.

Porém o racismo não é um problema que deva ser tratado apenas em relação as crianças negras, pois apesar delas necessitarem de acolhimento imediato. As crianças brancas precisam, ao contrário, precisam ser coibidas e aprender que suas atitudes são antiéticas e colaboram para a piora da convivência em sociedade. Uma das alternativas para sanar essas situações dentro da escola é a construção de uma educação decolonial.

Os valores civilizatórios africanos podem colaborar para a construção de uma educação decolonial. A professora Azoilda Loreto da Trindade escreveu um artigo sobre essa questão e está publicado no Boletim Segundo texto da pesquisadora, Os valores afro-brasileiros são conceitos que definem o modo de viver dos brasileiros e estão presentes na cosmovisão afro-brasileira. Alguns exemplos desses valores são: **Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Cooperativismo e/ou Comunitarismo, Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Energia Vital (Axé) e Oralidade**. Abaixo um trecho significativo desse texto para nos ajudar a pensar cada ação pedagógica a serem desenvolvidas com os alunos durante todo ano letivo, independente de data comemorativa.

*“Vamos agora, pinçar alguns aspectos afro-brasileiros que consideramos caros à Educação Infantil. Alguns, pois há uma infinidade deles:*

*Princípio do Axé **ENERGIA VITAL** - tudo que é vivo e que existe, tem axé, tem energia vital: planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação. Imaginem se nosso olhar sobre nossas crianças de Educação Infantil for carregado da certeza de que elas são sagradas, divinas, cheias de vida. Podemos trabalhar a potencialização deste princípio nas nossas crianças, se nosso olhar, nosso coração, nosso corpo senti-las verdadeiramente assim. Elogios, um afago, brincadeiras de faz-de-conta, nas quais elas se sintam a mais bela estrela do mundo, a mais bela flor, alguém que cuida, alguém que é cuidado. Um espelho para que elas se admirem, para que brinquem com o espelho, e se habituem a se olhar e a serem olhadas com carinho e respeito.*

**ORALIDADE** – *Muitas vezes preferimos ouvir uma história que lê-la, preferimos falar que escrever... Nossa expressão oral, nossa fala são carregadas de sentido, de marcas de nossa existência. Faça de cada um dos seus alunos e alunas contadores de histórias, compartilhadores de saberes, memórias, desejos, fazeres pela fala. Falar e ouvir podem ser libertadores. Promova momentos em que a história, a música, a lenda, as parlendas, o conto, os fatos do cotidiano possam ser ditos e reditos. Potencialize a expressão “fale menino, fale menina”.*

**CIRCULARIDADE** – a roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afrobrasileiro, pois aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade: roda de samba, de capoeira, as histórias ao redor da fogueira...

Já fazemos as tradicionais rodinhas na Educação Infantil, e nas reuniões pedagógicas, nas reuniões dos responsáveis. Que tal potencializarmos mais a roda, com cirandas, brincadeiras de roda e outras brincadeiras circulares?

**CORPOREIDADE** – o corpo é muito importante, na medida em que com ele vivemos, existimos, somos no mundo. Um povo que foi arrancado da África e trazido para o Brasil só com seu corpo, aprendeu a valorizá-lo como um patrimônio muito importante. Neste sentido, como educadores e educadoras de Educação Infantil, precisamos valorizar nossos corpos e os corpos dos nossos alunos, não como algo narcísico, mas como possibilidade de trocas, encontros. Valorizar os nossos corpos e os de nossas crianças como possibilidades de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivizados, compartilhados. Cuidar do corpo, aprender a massageá-lo, tocá-lo, senti-lo, respeitá-lo é um dos nossos desafios no trabalho pedagógico com a Educação Infantil. Dançar, brincar, rolar, pular, tocar, observar, cheirar, comer, beber, escutar com consciência. Aparentemente nada de novo, se não fosse o desmonte de corpos idealizados e a aceitação dos corpos concretos.

**MUSICALIDADE** – A música é um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos. Um povo que não vive sem dançar, sem cantar, sem sorrir e que constitui a brasilidade com a marca do gosto pelo som, pelo batuque, pela música, pela dança. Portanto, mãos à obra, som na caixa e muita música, muito som, mas não os “enlatados”, as músicas estereotipadas, o mesmismo que vemos na TV e em quase todos os momentos da escola, nos quais a música se faz presente. Vamos ouvir músicas que falem da nossa cultura, que desenvolvam nossos sentidos, nosso gosto para a música e, com isso, não produzirmos alienados musicais desde a tenra idade. Nosso país é riquíssimo em ritmos musicais e em danças, que tal investirmos neste caminho? Conhecer para promover.

**LUDICIDADE** – A ludicidade, a alegria, o gosto pelo riso pela diversão, a celebração da vida. Se não fôssemos um povo que afirma cotidianamente a vida, um povo que quer e deseja viver, estaríamos mortos, mortos em vida, sem cultura, sem manifestações culturais genuínas, sem axé. Portanto, brinquemos na Educação Infantil, muita brincadeira, muito brilho no olho, muito riso, muita celebração da vida.

**COOPERATIVIDADE** – A cultura negra, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro. Como dissemos, este texto é um compartilhar ideias e contamos com seu retorno com opiniões, sugestões, críticas, complementações, ponderações, em nome de um verdadeiro e profundo amor pelas nossas crianças brasileiras, que merecem ter acesso a um patrimônio cultural que as constitui como brasileiras, que é o patrimônio cultural afro-brasileiro.

Muito axé.” (Fonte: <https://culturamess.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf> , pág 30 a 36)



Imagem criada por Azoilda Loreto da Trindade. License: Creative Commons Attribution 4.0 International.  
<https://www.researchgate.net/publication/378611962/figure/fig1/AS:11431281226598848@1709296962120/Figura-6-Valores-civilizatorios-afro-brasileiros-autora-Azoilda-Trindade.png>

O continente africano tem mais de 2.000 línguas e mais de 490 grupos étnicos e, portanto, existe uma grande diversidade linguística, porém dois elementos básicos tecem a sua unidade cultural: **a integração com a natureza e o senso de comunidade**. A comunidade é considerada como um bem humano fundamental. Pois é nela que existe a possibilidade de uma vida vivida em harmonia e cooperação com os outros, de consideração mútua e de ajuda e de interdependência. A base da filosofia Ubuntu que pode ser traduzida por “Eu sou, porque nós somos.”

**A** comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros.

Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem um lugar em que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham.

Além disso, a falta de comunidade deixa muitas pessoas com maravilhosas contribuições a fazer sem ter onde desaguar seus dons, sem saber onde pô-los. Quando não descarregamos nossos dons, vivenciamos um bloqueio interior que nos afeta espiritual, mental e fisicamente, de

SOMÉ Sobonfu, O espírito da intimidade: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar, São Paulo, Ed. Odysseus, 2007, p. 35.

**Ou seja, numa perspectiva afrocentrada, se eu não aprendo a me relacionar com o outro na sua humanidade, isto é, com toda sua diversidade, potencialidades e limitações, qual o sentido tem a educação?**

Esse sentido de comunidade, na perspectiva da construção do ser humano, é basicamente pensado a partir do princípio da circularidade. Por isso as casas, as brincadeiras, os rituais, as contações de histórias, entre tantas outras atividades são realizadas em roda. Mas nós nos acostumamos com as fileiras, com um atrás ou na frente do outro, numa estrutura hierarquizada que coloca sempre alguém em posição de desigualdade. A roda, ao contrário, agrega, inclui, é mais justa.

Veja como nós tratamos isso, inclusive, pegando a nossa arquitetura, que acaba sendo cada vez mais brutalista e pouco organizada por meio dos nossos valores. Dificilmente a gente admira a arquitetura das ocas dos povos originários, que possibilitava a esse povo ter uma circularidade de ar, de brisa, de vento e organização. Não. A gente aprende, nos padrões europeus, a construir uma caixa e depois precisar colocar ar dentro. Isso é fundamental para eu reorganizar meu pensamento por meio das circularidades. Povos não eurocentrados valorizavam a circularidade, inclusive em suas arquiteturas.

**Como podemos pensar as ações pedagógicas com as crianças de maneira circular? Isso quer dizer, em movimento de diálogo, de escuta, de valorização das vivências e experiências?**

Primeiramente, enquanto professores devemos nos colocar também no lugar de aprendizes. Nós podemos saber muito mais sobre muitas coisas, mas não sabemos tudo e escutar o aluno promove grandes oportunidades para aprendermos algo novo, pois tanto eles quanto suas famílias tem outras perspectivas que podem nos ampliar o olhar e o conhecimento sobre o mundo.

Na Educação Infantil quando pensamos em movimento circular, vem a ideia das rodinhas de contação de história. A história da África é essencialmente baseada na tradição oral.

*“Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos.”*

*(Hampaté-Bâ, 2010)*

Os momentos de contação de história no continente africano, são de grande aprendizagem, além de construção de identidade e a construção de valores importantes da comunidade, alimentando uma memória social e cultural com forte referência às ancestralidades africanas. Destaca-se um importante legado da África, os griots ou *djeelis* (contadores de histórias), são eles que estabelecem a importante mediação da comunicação para o seu povo, fazendo da África um continente em movimento.

### **Atividade 12 - VÍDEO IMPORTANTE!**

**Assistam ao vídeo sobre Sotigui Kouayaté, um griot no Brasil**

[https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te\\_3pJl](https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pJl)

**Assistam ao vídeo completo e atentamente! É importante!**

Sotigui Kouayaté, o Griot traz uma bagagem de vida que remete à reflexão sobre a importância da roda e da escuta. Segundo o griot existe um objetivo de vida que ele determina como "ideia de encontro", o processo de troca e a comunicação são essenciais para a aprendizagem. No universo literário infantil, a contação de histórias apresenta um significado forte de troca de informações, principalmente culturais, além de promover um desenvolvimento identitário na criança em relação à cultura negra, por meio da escuta. Assim, percebe-se a importante e significativa relação da literatura e da oralidade diante do ato de contar e ler histórias.

Na África, toda narrativa por meio da fala dos mais velhos ou de um griot, traz consigo importantes significados, como a de contribuição à identificação das origens, compreendendo o povo e sua cultura e para os africanos a palavra tem significado sagrado. A importância da fala permite que a história do povo não morra e que permeie de geração em geração.

Para as crianças a aprendizagem se faz da existência valiosa da palavra. Nesse sentido, a literatura infantil africana como proporciona reflexões e conhecimentos por meio da contação de histórias. Portanto assim como os griots, os professores são mediadores das heranças culturais e da disseminação, não só da origem e cultura negra como também a de construção de postura, de respeito e de valores mediante a história construída pelo povo africano em território brasileiro e, principalmente, da compreensão à diversidade étnico-cultural, construindo assim, momentos para aprender a viver e a conviver.

*A contação de histórias africanas na educação infantil tem por finalidade desvendar a curiosidade, assim como o respeito à cultura negra, promovendo a valorização e o respeito à diversidade.*

*As crianças negras vão se ver representadas e as brancas vão ampliar seus horizontes.*

Para os momentos de contação de história nas salas de Educação Infantil e dos Anos Iniciais é muito importante preparar um ambiente aconchegante e acolhedor, no qual as crianças possam se sentir bem acomodadas, de maneira que tenham boa visibilidade das ilustrações e possam ouvir umas às outras durante a leitura dialogada. O tempo dedicado à atividade precisa considerar espaços de pausa para as interações verbais entre os participantes, que assim são incentivados a compartilhar sentimentos e trocar impressões sobre a obra a qualquer momento durante o processo de leitura. Todos esses são cuidados determinantes para a qualidade da experiência.

A exploração da de cada obra pode se iniciar com a apresentação da capa, da autora e da ilustradora e pela leitura do título, que, por si só, oferece possibilidades de inferências aos leitores. Outro ponto importante a destacar é que não há respostas certas ou erradas para as questões que mobilizam as conversas. Todas elas são oportunidades para que as crianças explicitem sentimentos, ideias e hipóteses sobre o mundo e possam adentrar outras camadas de sentido nas leituras.

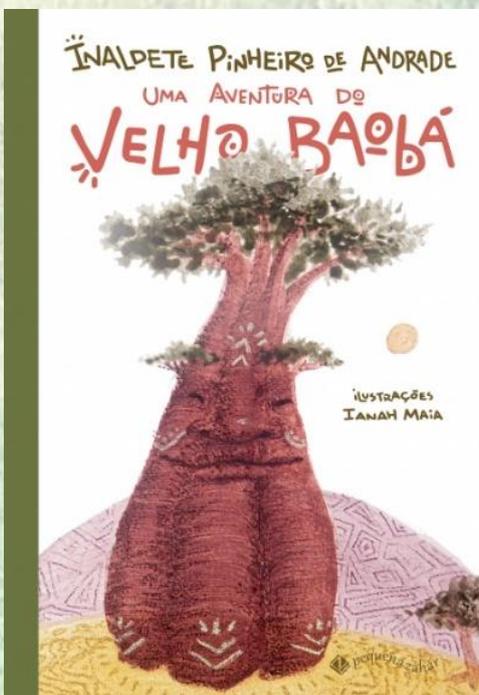
A seguir sugestões de alguns livros que podem colaborar com esses momentos:

### **Uma aventura do Velho Baobá** -

escrito por Inaldete Pinheiro de Andrade e ilustrado por Ianah Maia, duas mulheres negras brasileiras. Apresentar este livro às crianças é uma forma de alimentar as identidades e representações negras com sentidos positivos. O personagem principal da história é o Velho Baobá, uma árvore originária da África, reconhecida como um símbolo de culturas ancestrais de povos desse continente. Na cosmovisão de alguns povos tradicionais da África, o baobá simboliza um elemento de conexão entre as forças dos mundos material e sobrenatural, presente nas mitologias.

É possível explorar a linguagem cartográfica por meio da apresentação de um mapa- -múndi e da demarcação desses roteiros. O contexto é propício também para estimular conversas que possam aproximar as crianças do fenômeno sociocultural e histórico da diáspora africana, porque conta a história de um baobá gigante que atravessa o oceano para encontrar seus parentes, as autoras mostram como essa travessia é simbólica para a formação social e cultural do povo brasileiro. Conhecer um pouco sobre o baobá, sua origem e significado, amplia as condições para que as crianças tenham experiências significativas com a leitura deste livro.

A lenda da árvore Baobá: <https://www.youtube.com/watch?v=OEaEFiFYx9M>



### **Lua Menina e Menino Onça** de Lia

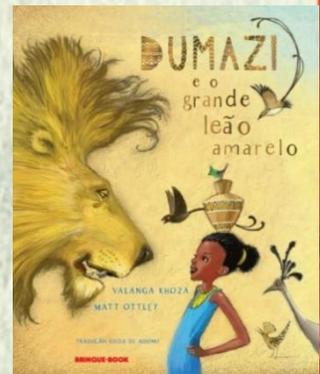
Minápotyde

Um conto escrito a partir das memórias da autora que passou a infância ouvindo as lendas compartilhadas nos saraus de sua aldeia. A magia na relação homem-natureza se dá na junção de personagens carregados de cosmologia e diálogos marcados pela oralidade do povo Maraguá, do Amazonas, como forma de preservar os detalhes que ficaram na memória da menina que tinha a escuta aguçada para a fala dos mais velhos.



## **Dumazi e o grande leão amarelo** - escrito por

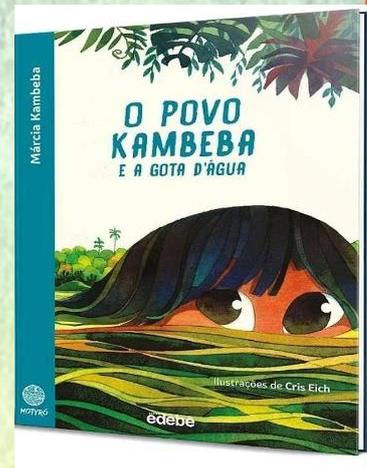
Valanga Khoza, um músico e contador de histórias sul-africano. Nascido na província de Limpopo, ele cresceu em um meio onde a tradição oral da contação de histórias era altamente valorizada, Dumazi é uma jovem zulu que está prestes a ser devorada por um grande leão amarelo. Ela pede ajuda aos outros animais, mas, como eles estão muito bravos com todo o prejuízo que os humanos causam à natureza, não querem nem saber. Na aventura, as crianças refletem sobre os impactos da humanidade na natureza e são apresentadas a um pedacinho da cultura zulu. Essa história pode se tornar uma ótima peça teatral.



## **O povo Kambeba e a gota d'água** de

Márcia Kambeba

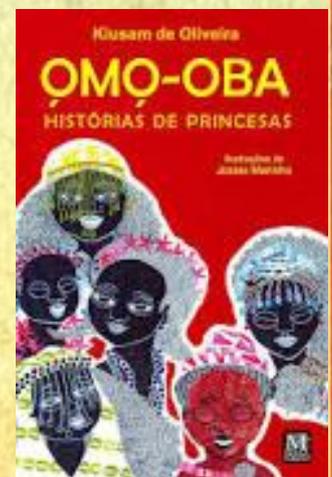
Para os Kambeba, a água é o elemento sagrado que deu origem e formou a identidade deste povo. Com linguagem simples e lúdica, a autora narra o início do “povo das águas”, os Omágua/Kambeba, destacando as tradições seculares ligadas aos rios que atravessam seus territórios. “Ser o povo das águas é motivo de alegria e honra para os que vivem na aldeia e na cidade”, diz o livro.



## **Omo-Oba - Histórias de Princesas**, da

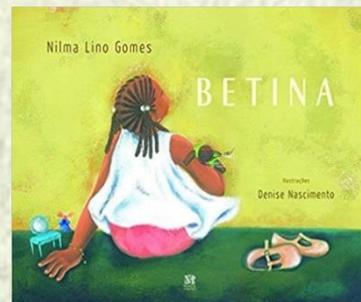
mesma autora Kiusam de Oliveira e ilustrações de Josias Marinho.

O livro reconta mitos africanos, divulgados nas comunidades de tradição Ketu, pouco conhecidos pelo público em geral e que reforçam os diferentes modos de ser em relação ao feminino, nos permitindo trabalhar o empoderamento das meninas dos novos tempos. Dividido em seis mitos, relata as histórias de Oiá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajé Xalugá e Oduduá.



## **Betina** um livro de Nilma Lino Gomes

Betina é um conto de uma menina que mora com a família, tendo como enfoque a relação especial com a sua avó. Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam histórias. Trançar os cabelos é o modo de tecer a discussão social e política em Betina. Os diálogos entre avós e netas são tecidos de modo verbal e visual. Durante todo o texto, Betina e sua avó sempre aparecem em contemplação ao infinito, ao vir a ser.



## **Iori - Descubre o Sol, o Sol Descobre**

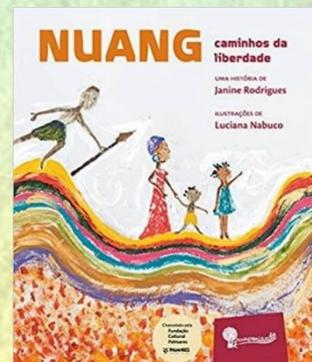
**Iori**, de Oswaldo Faustino

O livro fala sobre que os ruídos da natureza podem surpreender a quem está acostumado a dormir nas grandes cidades. Esta narrativa simples ajuda a preparar a criança para essa novidade, estimulando a observação dos sons e brincadeiras com onomatopeias. Sozinha em seu quarto, a pequena Iori não consegue dormir. Fica intrigada com os sons do campo, vindos do lado de fora da janela. Cri, cri, cri,... Que barulho é esse? tuc, tuc, tuc,... O que será esse som? Uouch... Piuuu... Envolvida pelos ruídos misteriosos da noite longe das cidades a menina passa o tempo acordada, até a chegada do Sol.



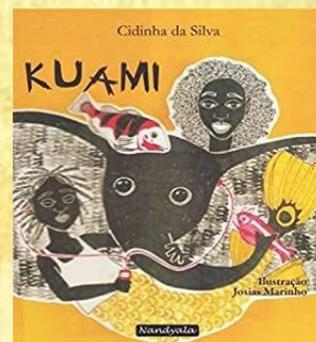
## **Nuang - Caminhos da Liberdade**, de Janine Rodrigues

Os Uthando eram conhecidos por sua sabedoria, pela honra de suas palavras e por sua beleza preta. As mulheres eram detentoras de conhecimentos milenares e tinham grandes cabelos crespos, belos como coroas. Nuang, uma Uthando alegre e talentosa, gostava de deitar no colo de sua avó e ouvir histórias. Um terrível acontecimento mudou o percurso de seu caminho. É a fé em Nzambi, a força da memória, a união e a confiança que darão força para Nuang e seu povo reconquistar a liberdade que até hoje, todos nós, ainda buscamos alcançar.



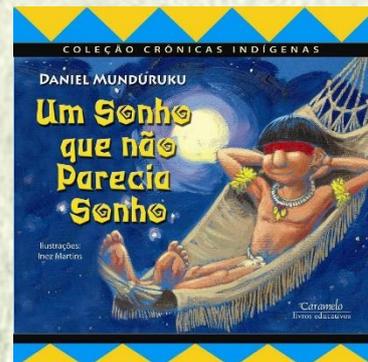
## **Kuami**, de Cidinha da Silva.

Janaína, uma jovem sereia – filha de uma sereia e um baiacu – e o elefante africano Kuami se envolvem em uma aventura para libertar a mãe de Kuami, Dara, de perigosos traficantes de animais. Com uma narrativa ágil e personagens representativos, Cidinha da Silva constrói uma trama que tange críticas ao agronegócio, à exploração irracional da Natureza, a formas contemporâneas de escravidão e ao maltrato de animais, ao mesmo tempo que fala de afeto, de cuidado, de resistência, de amor em todas as suas formas. Um amor que se resolve em ação, que liberta e cura.



## **Um sonho que não parecia sonho** de Daniel Munduruku

Munduruku traça um diálogo entre as crianças da cidade e as lendas indígenas a partir da leitura dos sonhos. Para o seu povo, os sonhos refletem tudo o que uma pessoa pensa, sente e vive. O que se “vê” ao dormir pode ser uma importante mensagem ancestral.



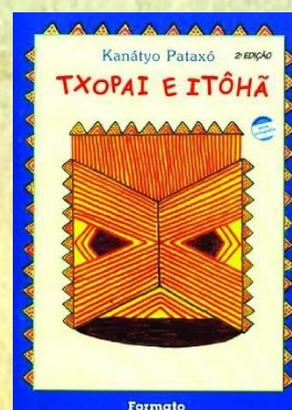
## **Meu pai Ag'wã: lembranças da casa de conselho** de Yaguarê Yamã

O livro conta as memórias de um menino, que tem os ensinamentos ancestrais de seu povo e a conexão com o pai conselheiro guardados no coração e nas veias. O reencontro de Yamã, já adulto, em sua terra natal e as lembranças das brincadeiras, da floresta e do pai guiam a narrativa. O livro conta as memórias de um menino, que tem os ensinamentos ancestrais de seu povo e a conexão com o pai conselheiro guardados no coração e nas veias. O reencontro de Yamã, já adulto, em sua terra natal e as lembranças das brincadeiras, da floresta e do pai guiam a narrativa.



## **Txopai e Itôhã** de Kanátyo Pataxó

Escrito e ilustrado pelo autor inicialmente para compartilhar pequenas lições sobre o cuidado com as pessoas e a natureza entre os alunos de uma escola Pataxó, conta sobre o mito que originou seu povo. De uma gota de chuva, o primeiro Pataxó a surgir na Terra foi Txopai. Ele, então, teve a missão de ensinar aos irmãos, nascidos das chuvas seguintes, a caçar, pescar e plantar respeitando o tempo da natureza.



### **Sugestões de vídeos do youtube:**

Amora de Emicida: <https://www.youtube.com/watch?v=PASpWvuVoHg>

Meu nome é Maalum <https://www.youtube.com/watch?v=KDF7dEORrKQ>

Contos africanos: [https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/CONTOS\\_AFRICANOS.pdf](https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/CONTOS_AFRICANOS.pdf)

Kiriku e a feiticeira: <https://www.youtube.com/watch?v=T74C1bV9WuY>

## Mitos

África Origens – Episódio 1 - A origem das histórias:  
<https://www.youtube.com/watch?v=4Io9qL7HEnl&t=465s>

África Origens - Episódio 2 - A origem das cores da lebre e do camaleão:  
[https://www.youtube.com/watch?v=VgixWFRZ\\_08](https://www.youtube.com/watch?v=VgixWFRZ_08)

África Origens - Episódio 3 - A origem da morte e brincadeira Si Mama Ka  
<https://www.youtube.com/watch?v=zoqmqX1f4T4&t=89s>

## Músicas:

Você já ouviu a pronúncia de alguma língua africana? E uma canção africana? Neste vídeo você poderá conhecer uma canção africana de ninar e descobrir o que ela diz através da tradução em português: <https://www.youtube.com/watch?v=LBb4xM--juY>

Vamos aprender a canção "KOKOLEOKO" é uma canção tradicional de Gana, um país do continente chamado África, A letra da música "KOKOLEOKO" é muito simples, diz como uma criança conta à mãe que o galo começou a cantar e é hora de se levantarem.

*Kokoleoko Mama koleoko.*

*Kokoleoko Mama koleoko.*

*Kokoleoko Mama koleoko.*

*Abe mama abe, Abe mama koleoko.*

*Abe mama abe, Abe mama koleoko.*

Tradução:

“O galo está cantando, mãe temos que nos levantar, mãe o galo já está cantando”.

[https://www.youtube.com/watch?v=oEO8dG\\_v3X8](https://www.youtube.com/watch?v=oEO8dG_v3X8)

Cantiga infantil congoleza, na língua da etnia Lari, para bebês e crianças em creches e jardins de infância

*Mama wélé wélé séya*

*Siri ku ntéla dzié landi*

*Ngati ka mbonguéla muana éhé*

*Eh asi mama téléo*

Tradução:

Mamãe foi para o campo

Irmãzinha, não chore

Nós vamos nos juntar a ela

E ela vai te levar nos braços

<https://www.youtube.com/watch?v=Lq2Bnia3ItI&list=PLbKCcyGR1a-cPWn8CaMXUMZNO1nSy8KqiR>

**LEMBRETE:** Existem milhares de vídeos, livros, enfim material a disposição na internet, porém para tratar de temas sobre as relações étnico-raciais, principalmente no sentido decolonial, é necessário dar prioridade aos construídos por pessoas negras e indígenas, devido aos séculos de silenciamento e apagamento da história!

## Módulo 5



Queridas e queridos estudantes,

chegamos ao final desse curso e é com grande entusiasmo que convido vocês a trilhar um percurso formativo que ecoa pelos saberes ancestrais e deságua em práticas pedagógicas transformadoras na Educação Infantil e nos Anos Iniciais.

A Educação Infantil e os Anos Iniciais se configuram como um momento propício para a (re)construção de histórias e saberes. É nesse contexto que a educação decolonial se revela como um farol, iluminando o caminho para uma prática pedagógica que valorize a diversidade de conhecimentos, experiências e identidades.

### **Da Teoria à Ação:**

Munidas do conhecimento ancestral e da bagagem teórica da educação decolonial, vocês estão prontas para realizar o movimento Sankofa, que nos ensina que é possível voltar atrás, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar. Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado.

Nossa jornada se iniciou com uma imersão nos saberes ancestrais que moldaram nossa identidade cultural. Exploramos um pouco sobre a riqueza da sabedoria acumulada pelos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros.

O desafio agora é construir um plano de aula para a Educação Infantil e os Anos Iniciais que contemple os seguintes aspectos:

- 1. Escolha do Tema**
- 2. Objetivos**
- 3. Conteúdos**
- 4. Metodologias**
- 5. Recursos Pedagógicos**
- 6. Avaliação**

Confio no potencial de vocês para construir um plano de aula que faça a diferença na vida dos estudantes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais.

Com carinho,  
Helianny Wyrta



Para finalizarmos com chave de ouro, entre no link abaixo para realizar sua autoavaliação e avaliação do curso:

<https://forms.gle/1wjDsx99vDPXh28JA>